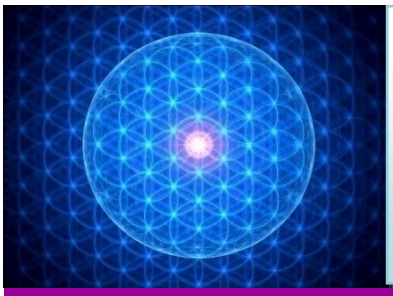
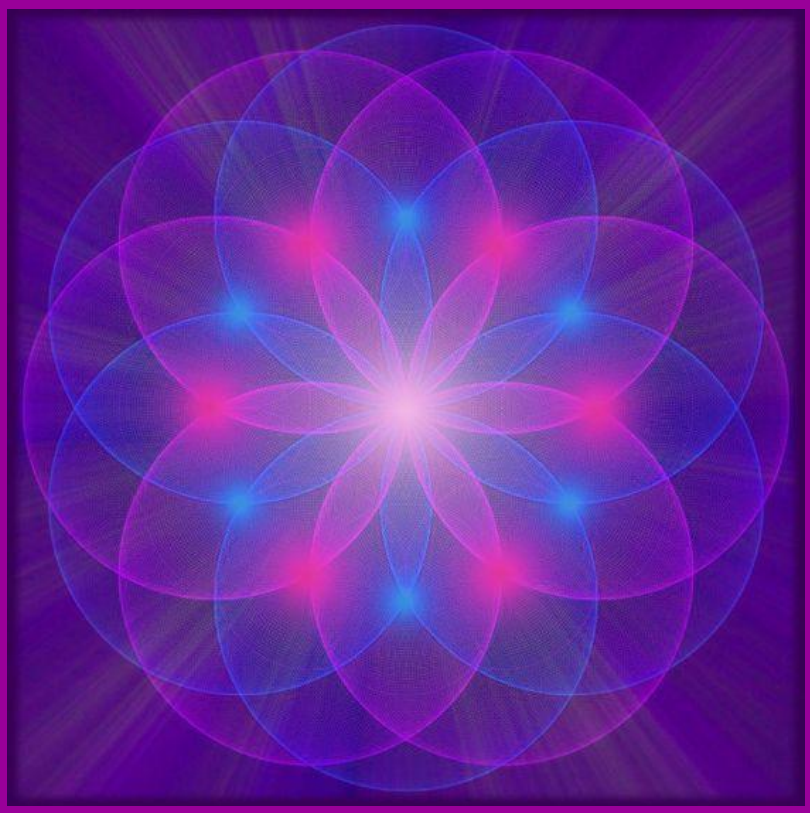


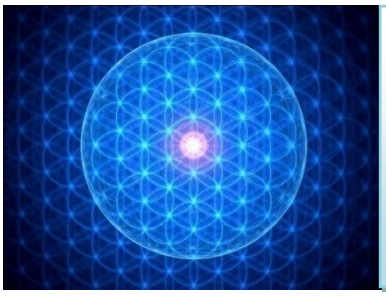
Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org



2019
Salvador – Bahia – Brasil



Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

> A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.
>
> A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.
>
> A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.
>
> Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

> Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados.

Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

EQUIPE EDITORIAL

Criação, editoração e coordenação geral

Maria **Celeste Carneiro** dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT SEA2 030 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólon). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora (2007 a 2016) e Supervisora no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA. Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro dos Grupos de Pesquisas EFICAZ, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e Conselheira de Honra da União Brasileira das Associações de Arteterapia – UBAAT. Currículo Lattes disponível em: http://lattes.cnpq.br/0119114800261879

CONSELHO EDITORIAL

Dulciene Anjos de Andrade e Silva – Doutora em Educação (Universidade Federal da Bahia – UFBA). Mestre em Educação (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas com Inglês (UFBA). Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus II. Currículo Lattes disponível em: http://lattes.cnpq.br/8015189418594078.

Priscila Peixinho Fiorindo – Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em:
http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4

Vanessa Di Cássia Fragosso – Arteterapeuta Junguiana – ASBART 0132/0215 – Terapeuta Holística EET: 0004-BA. Mestra em Tecnologias Educacionais e Tecnologias em Saúde (Universidade Estadual da Bahia - UNEB). Pedagoga com Orientação Educacional e Vocacional - Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Práticas Lúdicas: Escolar e Organizacional - Licenciada com Certificações Internacionais para Resiliência de Jovens e Adultos e Gerenciamento de Stress. Pesquisadora sobre Resiliência e Habilidades Socioemocionais. Docência na Graduação e Pós-Graduação na área de Ciências da Saúde e Ciências Humanas e Coordenação de núcleos socioeducativos. Participa como Membro e Pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade – GPEL – Universidade Federal da Bahia – UFBA e como Coord. Pedagógica do PROAP – Programas de Estudos Aplicados em Administração e Políticas na Faculdade de Economia e Administração – FEA/UFBA. Dirige o Projeto Ateliê. Currículo Lattes disponível em: http://lattes.cnpq.br/0735288007250867

Francesca Freitas – Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSP em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSP, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSP, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi – Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Coordenadora do curso de Arteterapia Censupeg. Presidente fundadora da Oscip *Arte Sem Barreiras*. Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora dos livros da Vetor Editora: *Revisitando a Ética com Múltiplos Olhares*; *Arteterapeuta: um cuidador da psique*; *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e religião*. Organizadora da coleção *Anima Mundi*, livros de Arteterapia, da Vetor Editora. Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Autora dos livros: *Arte Terapia e Loucura*, Vetor Editora; *Origami em Educação e*

Arteterapia, em parceria com Luiza Minuzzo, Ed. Paulinas. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5010212588553393

Marcus Welby Borges Oliveira – Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumorais. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9992514942111915

Vitor Moura Cardoso e Silva Souza – Doutor em Geofísica Espacial (2015) pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Bacharel em Física pela Universidade Federal da Bahia (2010), e Trabalhou como pesquisador assistente na NASA/Goddard Space Flight Center, EUA, por um ano durante o período de doutoramento. Atua na linha de pesquisa Magnetosfera-Heliosfera, focando nos seguintes temas: estudo da reconexão magnética na magnetopausa terrestre utilizando observações *in situ* e simulações numéricas, cinturões de radiação Van Allen e fenômenos físicos associados à plasmas espaciais. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8026732855379621

Pedro Teixeira da Mota – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação.* Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa.* Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988*; A Rosea Cruz.* Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989*; Poesia Profética, Mágica e Espiritual.* Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimentos do Oriente e do Ocidente.* Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema.* Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus,* de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, "*Da Alma ao Espírito*", Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos – Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9800581085946445

Ingrid Estefania Mancia de Gutiérrez – Doutora e Mestre em Biotecnologia com ênfase em Recursos Naturais da Região Nordeste pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduação em Farmácia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Gestão da Inovação Tecnológica pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é membro da Comissão de Fitoterapia (COMFITO) do Conselho Regional de Farmácia (CRF) da Bahia e docente do Curso de Farmácia do Departamento de Saúde da UEFS, lecionando a disciplina Farmacognosia. Coordenadora do Programa Terapias não-Convencionais (TnC) e Você: um projeto de ensino e extensão em terapias complementares e integrativas da UEFS. Tem experiência na área de Farmacognosia e Prospecção Tecnológica, com ênfase no marco regulatório em Fitoterápicos, atuando principalmente nos seguintes temas: regulamentação de fitoterápicos, controle de qualidade de matéria-prima vegetal, técnicas cromatográficas, cultivo *in vitro* de lenhosas medicinais, patentes, práticas integrativas e complementares em saúde. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5002607120452691

Lucielen Porfirio – Professora Doutora em Linguística – UFBA, DLG - Departamento de Letras Germânicas – UFBA. Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA – programa DINTER – UFBA/ UNIOESTE (2013). Mestrado em Letras - Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2006). Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2000) e também graduação em Letras pela Universidade Pan Americana (2009). Atualmente atua como professora Adjunto 1 na Universidade Federal da Bahia - Departamento de Letras Germânicas. Desenvolve projetos de pesquisa na área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, formação de professores e Inglês como Língua Franca. Currículo Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4716299Y1

Glícia Conceição Manso Paganotto – Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espirito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas:

arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/6024542661274908

Román Gonzalvo – Psicólogo transpessoal e doutor em psicología pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, India, Papua, Nova Guiné, Zimbabue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza anualmente as Jornadas de Psicología Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves – Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros: *Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas; Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda* – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar; *Transtornos Mentais sob um Novo Prisma*. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0042503228810827

Aurino Lima Ferreira – Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossocias, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5402096659543875

Vera Peceguini Saldanha – Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso Brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1016093168342110

Ivana Braga de Freitas – Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5427495900253997

Margarete Barbosa Nicolosi Soares – Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças , no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4204217D7.

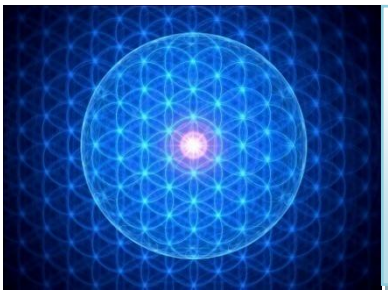
Luis Lacouture González – Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de

Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Cristina Lopes – Psicóloga, Arteterapeuta, Mestre em Criatividade pela Universidade Fernando Pessoa – PT. Treinadora de SoulCollage® e terapeuta Floral. Coordena o curso de Pós-graduação em Arteterapia, desde o ano 2004. Faz parte do grupo TRAÇOS - Estudos em Arteterapia. Atual Presidente do Conselho Diretor da UBAAT. Publicou livros abordando a temática da arteterapia como também escreveu artigos relacionados ao tema. Frequentemente participa de Congressos nacionais e internacionais. Sua principal linha de pesquisa é a relação entre arte e saúde.

Maria Suzana Moura – Doutora em Administração Pública pela Universidade Federal da Bahia, local onde atua como professora associada e pesquisadora desde 1994. Tem se dedicado nos últimos anos ao tema das Metodologias Integrativas para a Educação e a Gestão Social. Recentemente concluiu a pesquisa de pós doc sobre o Escutar Consciente como competência para a Gestão, realizada com Valeria Giannella, da UFSBA e Eduardo Davel, da UFBA. Formação complementar na DEP (Dinâmica Energética do Psiquismo), na RYE (Rede de Pesquisadores sobre Técnicas de Yoga para a Educação) e na Rede Dragon Dreaming - Criação Colaborativa de Projetos.
Currículo Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4789454J1

Lívia Maria Costa Sousa – Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014), graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literatura brasileira e africana. Coordenadora editorial da LEAL Editora e membro do conselho editorial da Revista vinculada a essa editora. Possui experiência com edição, revisão e diagramação de livros e revistas. É escritora e tem alguns de seus textos publicados em antologias. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1126574918629874



Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada nos meses de Janeiro e de Julho de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências, deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item "*Para saber mais".*

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluídas as notas de pé de página e as referências) e deverá ser escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm. Deve constar um minicurrículo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados.

Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

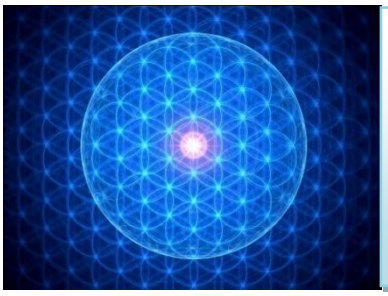
CONTATO

Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro
CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal
Centro Odonto Médico Henri Dunant
Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 – Federação
CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil

CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro
Telefones: 71 - 98874-1155 (Tim)
cel5zen@gmail.com
www.artezen.org
ou gildemar@ufba.br



Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

Revista Transdisciplinar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019
ISSN 2317-8612

ÍNDICE

1 – A CIÊNCIA PÓS-MATERIALISTA JÁ EXISTE **10**
Débora Nunes

2 – DESAFIOS DA PSICOTERAPIA TRANSPESSOAL **14**
Tessituras entre o científico e o espiritual
Joana Miranda

3 – RESILIÊNCIA FAMILIAR FRENTE À DEPENDÊNCIA QUÍMICA **32**
Emanuela Pompa Lapa

4 – CRIATIVIDADE, AFETO E PERTENCIMENTO A PARTIR DO AUDIOVISUAL **38**
Priscila Peixinho Fiorindo

5 – OS EFEITOS DA AYAHUASCA NA GLÂNDULA PINEAL PARA A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA **44**
Josane Duarte Lobo

6 – TAO TE CHING **61**

Capa: Flor da Vida – da Internet (Pinterest)

Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

1 – A CIÊNCIA PÓS-MATERIALISTA JÁ EXISTE

Débora Nunes*

Hoje em dia milhares de profissionais no mundo utilizam saberes que se situam na fronteira da ciência convencional, com resultados fantásticos, mas ainda são considerados mais ”bruxos” que profissionais sérios. Na psicologia, esse é o caso dos que trabalham com constelações familiares, hipnoterapia, xamanismo, terapias de vidas passadas, entre outras tantas. Seus pacientes reconhecem os efeitos dos tratamentos, mas os colegas mais conservadores os levam pouco a sério. Do mesmo modo, relatos de antropólogos que usaram métodos xamânicos, como rituais de *ayahuasca* ou *wachuma*, para descobrirem onde encontrar múmias e lugares sagrados dos povos que estudam, são relativamente comuns. Depoimentos de grandes artistas e cientistas dizendo que “receberam” os *insights* para comporem suas obras, também são frequentes. Para a ciência materialista tudo isso é bobagem e charlatanismo, mesmo que os resultados práticos sejam relevantes.

Para o pós-materialismo científico, estas descobertas e curas são explicadas com uma noção básica de que a realidade não material permite um tipo de conexão que independe do espaço-tempo. Isso pode ser melhor entendido a partir de conceitos como entrelaçamento quântico, ressonância mórfica, não localidade e inconsciente coletivo, dentre outros. Sem entrar em detalhes sobre esses conceitos, que podem facilmente serem encontrados pela internet, onde se pode encontrar também a literatura acadêmica sobre o assunto, a questão que se pretende discutir nesse texto é porque há tanta resistência para discutir avanços que apontam para uma análise científica mais ampla. Sendo a ciência um pensar que se sabe limitado e em constante mutação, por que abrir-se para novos modelos explicativos é tão difícil em certos meios intelectuais? E por que o debate sobre novos paradigmas, por outro lado, são tão bem recebidos pelo público em geral?

As reações mais comuns a fenômenos como os citados antes, ou sobre episódios de quase morte ou de mediunidade, entre outros, são: “isso não é científico”, ou “não se pode – ou não se deve – misturar ciência e espiritualidade”. O fato de estes fenômenos estarem ligados a saberes ancestrais de povos originários de várias partes do mundo perturba ainda mais a discussão. Depois de oprimidas, essas práticas passaram a ser mais e mais respeitadas, mas como fenômenos culturais e não como modos de entendimento e ação sobre o mundo. O que é a ciência atualmente vigente se não uma forma de entendimento e ação sobre o mundo que utiliza uma base racional oriunda da cultura europeia, principalmente? Esta ciência de base racional europeia foi tão profundamente inserida nas culturas de todo

* **Débora Nunes** – doutora em Urbanismo, com três pós doutorados em torno da governança participativa e ação da sociedade civil, da Economia Solidária e da História da humanidade do ponto de vista holístico e feminino. Participa da rede internacional *Diálogos em humanidade* e é coordenadora da *Escola de Sustentabilidade Integral*, que se baseia em metodologias integrativas e no paradigma quântico-holístico-ecológico. É professora titular da Universidade do Estado da Bahia, no Curso de Urbanismo.

o planeta que não são apenas os intelectuais europeus que reagem a outros entendimentos do mundo como "não científicos". Essa reação ainda é generalizada, mesmo que menos intensa no Oriente.

A ideia de que a matéria é energia é algo profundamente ligado a culturas ancestrais dos cinco continentes, mas foram os europeus, mais uma vez, que de certa forma a "reabilitaram" como legitimamente científica, a partir das descobertas da física quântica, no início do século XX. As noções de *chi* para os antigos chineses, de *axé* para povos africanos tradicionais, de *prana* para os vedas da India, do *espírito da Pachamama* para os povos andinos, entre outros, explicam, cada uma a seu modo, como o espírito fecunda a vida. Quando a física quântica diz algo semelhante, a ciência tradicional, que não pode prescindir das descobertas quânticas – senão teria que renunciar aos computadores, celulares e mil outras coisas – quer restringir o uso dessa ideia ao funcionamento de aparatos, mas não ao entendimento do mundo. O fato de que intelectuais como Fritjof Capra, Amit Goswami, Gregg Braden e Rupert Sheldrake tenham percebido a relação entre essas culturas ancestrais e o novo paradigma quântico-holístico-sistêmico-ecológico da nova ciência, os fizeram internacionalmente conhecidos, mas também combatidos como "pouco científicos".

O dogmatismo da ciência materialista diz que tudo se baseia na matéria, que a consciência vem do cérebro, que o amor vem dos hormônios, que tudo se extingue com a morte do corpo, entre outros "absurdos", do ponto de vista da ciência pós-materialista. Vê-se, portanto, um combate, no velho estilo do mundo patriarcal, em que só existe uma verdade, em que essa verdade é estabelecida pelos mais "aptos", e que na luta para estabelecer a verdade e ser dono dela vale qualquer esforço. Esse esforço hoje pode ser argumentativo, mesmo que ferino e desmoralizante, como chamar um profissional de pouco sério ou um argumento coerente e consistente sobre aspectos sutis do mundo de não científico. Esse já foi um combate mortal, pela força, no caso dos colonizadores europeus com o.a.s xamãs dos países colonizados, ou no caso da Inquisição europeia com os "hereges" da Idade Média. Milhões de hereges e de xamãs, coincidentemente sobretudo mulheres, tidas como bruxas, foram executadas e queimados nas fogueiras, nos tempos mais duros de imposição da cultura europeia.

É importante atentar para o fato de que as visões de mundo que baseiam a ciência estão sempre se reportando ao momento histórico em que estão inseridas. O paradigma cartesiano e mecanicista, que trouxe grandes avanços para o entendimento da realidade, e que ainda hoje estrutura o nosso mundo, se criou em um momento histórico em que a antes irrelevante Europa consolidava sua influência econômica e intelectual em todos os continentes. René Descartes, francês e Isaac Newton, inglês, destacam-se na base argumentativa da ciência ainda hegemônica. Do mesmo modo, a concepção de novos paradigmas – de base quântica, que buscam uma visão integradora do mundo (holístico-sistêmica) e que avançam em uma abordagem ecológica, não antropocêntrica – é um fenômeno cultural do final do século XX e do século XXI. Em um mundo política e economicamente multipolar, ameaçado de colapso ambiental e no qual se assiste a uma progressiva feminização das sociedades, é natural que outros paradigmas busquem se estabelecer para melhor interpretar o momento histórico.

A relação entre ciência e espiritualidade, que se destaca nos novos paradigmas, encontra base interpretativa, entre outras, na chamada "física da alma", de Amit Goswami, ou no "Tao da física", de Fritjof Capra, mas é nas tradições de conhecimento ancestrais, como foi dito antes, que elas encontram um eco particularmente importante. É compreensível a valorização crescente das culturas ancestrais em um mundo no qual as pessoas perdem o sentido da existência pela velocidade das transformações, pela invasão dos aparatos tecnológicos em suas vidas e pela absurda futilidade do consumismo. A superficialidade das respostas atuais sobre "quem somos nós" – um.a consumidor.a? um perfil nas redes sociais? um projeto profissional de sucesso? – não tem comparação com as respostas que a sabedoria ancestral, seja ela chinesa, andina, indiana ou africana nos dá, concebendo uma conexão entre matéria e espírito e oferecendo um sentido para a vida.

Os novos paradigmas, tanto como visões de mundo, quanto como bases de

ressignificação e organização da ciência, ajustam-se melhor às características que o mundo atual vem adquirindo. Ainda há resistências importantes, sobretudo no meio intelectual, mas elas serão aos poucos vencidas. Os novos paradigmas acatam a pluralidade e validam a ideia de que, para melhor apreender a realidade, várias abordagens são necessárias, várias verdades podem coexistir, inclusive algumas defendidas pelo velho paradigma, que podem continuar valendo. Uma vez que a realidade se torna cada vez mais complexa, mais multicultural, menos hierárquica – a começar pelas relações humanas no seio das próprias famílias – só a cooperação entre pensamentos diferentes pode levar a um entendimento mais relacional e profundo do mundo, a uma visão mais integral do todo. Não é coincidência que essas abordagens sejam muito mais naturais para a inteligência tida como feminina.

Clássicos do entendimento científico, como Karl Popper, ao defenderem que o processo de refutação é a maior arma para se chegar à verdade e que a discussão científica é uma verdadeira luta em que "os argumentos são como espadas", revelam uma visão excessivamente competitiva da ciência. Como Popper, muitos outros autores desenvolveram argumentos epistemológicos (como conhecemos e o que conhecemos?), ontológicos (qual a natureza do ser que conhece?), hermenêuticos (como interpretamos o que lemos no mundo?) que ajudaram o pensamento humano e a ciência a evoluírem. À luz dos novos paradigmas, entretanto, percebe-se que muitas vezes esses autores partem de uma visão de mundo que limita essa evolução por imaginar a verdade como um fato único a ser disputado. Mais cooperação faria muito bem à ciência, como à economia, como aos relacionamentos, como à vida em geral. Entender o papel do patriarcado como concepção de dominação na tessitura do pensamento científico nos abre para uma nova conexão entre ciência e valores, entre ciência e política, entre ciência e o sentido da vida. Os novos paradigmas, mais includentes e portadores de racionalidade mais plural, femininos, ecológicos e multiculturais, estão realizando uma revolução no pensamento científico. No campo da História, um livro que se destaca nessa revolução do pensamento foi escrito por Riane Eisler e intitula-se "O Cálice e a Espada". Nele, a autora evidencia como o patriarcado moldou a realidade e o olhar hegemônico sobre o mundo, e, em consequência, como perceber isso pode trazer novas perspectivas epistemológicas, ontológicas e hermenêuticas para a humanidade.

É interessante observar também que, pelo menos nas ciências humanas, cada vez mais se valorizam artigos e livros com uma pluralidade de referências e não mais citações dos mesmos autores consagrados da academia europeia e americana. Quando se vê bibliografias com referências que contêm autoras e autores com origens continentais diversas, que são de períodos históricos diferentes e de origem disciplinar múltipla, percebe-se, de modo geral, uma argumentação mais abrangente, inovadora. Na medida em que a penetração de uma visão paradigmática mais ampla for se reforçando, textos com essas características tenderão a ser mais respeitados cientificamente simplesmente porque, ao abrirem perspectivas, enriquecem a compreensão do mundo, facilitando-a, já que a realidade está cada vez mais complexa.

É comum também que o.a.s autores.as que se baseiam nos novos paradigmas sejam mais "enraizados" no real e não apenas teóricos e que sejam mais preocupados com a democratização do conhecimento. Assim, buscam escrever de modo mais compreensível, traduzindo seus termos disciplinares em palavras acessíveis para um público mais amplo, incluindo imagens e vídeos para se comunicar. Ao demonstrarem sensibilidade com os desafios humanos do dia a dia e evitarem abstrações excessivas, dialogam com as pessoas comuns, que usam mais sua experiência pessoal como referência de entendimento da existência e assim sentem-se mais à vontade de ler e opinar. Essa democratização da experiência de debate traz à ciência um aspecto novo, agregador, que reconhece a necessidade de que o conhecimento intelectualsaia de suas torres de marfim, que se enriqueça e dialogue com outras formas de conhecimento, evitando o elitismo.

É natural que novas visões de mundo e novos parâmetros de cientificidade tateiem nos primeiros tempos. Mesmo Einstein questionou princípios hoje consagrados da física quântica. Só a liberdade de pensar, de pesquisar e de experimentar podem consoli-

dar novas visões de mundo. Por isso mesmo, recentemente, diversos documentos vêm sendo assinados por cientistas respeitados pedindo maior abertura no meio científico para que os novos paradigmas façam seu caminho de abrir horizontes, de testar suas premissas, de pesquisar livremente. O "Manifesto por uma ciência pós-materialista" é um deles. Lançado em 2014 e com centenas de assinaturas de cientistas de todos os horizontes, ele afirma que a ideia de que a matéria é a origem e a organizadora do Universo é apenas um pressuposto, e não uma "verdade científica", pois nunca foi provada. Para a ciência pós-materialista, muito do que hoje é tido como anticientífico porque não se coaduna com o pressuposto materialista, tornar-se-ia perfeitamente compreensível e científico caso se partisse da premissa de que a consciência é a base de tudo.

Outros manifestos, outras pesquisas, outros artigos e livros vêm sendo publicados, outras instituições de pesquisa têm sido criadas, a maioria fora das Universidades, que nesse momento são, de modo geral, guardiãs do velho paradigma. Um dos motivos para isso é que seus professores foram formados nele e não se dispõem a questioná-lo até mesmo com medo das críticas dos colegas. Mas o tempo não para e o novo sempre vem. Ajudá-lo a se fortalecer é um desafio para quem tem coragem. Sempre foi assim e Descartes e Newton, fundadores do paradigma que hoje se mostra insuficiente, nos seus tempos de vida foram corajosos o suficiente pra afirmar que a realidade era muito maior do que cabia nos estreitos dogmas da religião. Que possa a ciência atualmente tida como verdadeira não se tornar tão dogmática quanto as religiões que queriam se impor pelo argumento da autoridade. Manter o espírito investigador da ciência, o princípio da dúvida, a valorização da argumentação consistente com os fatos não tem nenhuma contradição com a ideia de que o mundo e a experiência humana são muito mais amplos do que pensa a ciência materialista.

REFERÊNCIAS

MARIA, Alba. (1995). **Voz dos Quatro Elementos** - a História de uma Xamã. Salvador: Editora Santa Helena.

Braden, Gregg (2008) **A Matriz Divina.** São Paulo: Editora Cultrix

Sobre Gregg Braden: https://portal2013br.wordpress.com/2015/06/24/os-cientistas-da-nova-era-primeira-parte-gregg-braden-e-a-matriz-divina/

CAPRA, Fritjof. (1996). **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix.

CAPRA, Fritjof. (1988). **O Tao da Física**. São Paulo: Editora Cultrix.

EISLER, Riane (1989). **O Cálice e a Espada**: Nossa História, Nosso Futuro. São Paulo: Editora Imago.

GOSWAMI, Amit (2000). **O Universo Autoconsciente**. São Paulo: Editora Rosa dos Ventos.

GOSWAMI, Amit (2008). **A Física da Alma**. São Paulo: Editora Aleph.

NUNES, Débora. **Paradigma quântico e transformação do mundo**. Outras Palavras. https://outraspalavras.net/sem-categoria/historia-fisica-quantica-o-que-a-esquerda-tem-a-ganhar/ (Acessado em 21.05.2019).

NUNES, Débora. **Um novo jeito de ver e antever o mundo:** o paradigma quântico e ecológico https://cirandas.net/deboranunes/blog/um-novo-jeito-de-ver-e-antever-o-mundo-o-paradigma-quantico-e-ecologico (Acessado em 21.05.2019).

NUNES, Débora. **Cidades do Futuro, Novos Paradigmas.** https://cirandas.net/deboranunes/blog/cidades-do-futuro-novos-paradigmas (Acessado em 21.05.2019).

SHELDRAKE, Rupert (2014). **Uma Nova Ciência da Vida.** São Paulo: Editora Cultrix.

Sobre Rupert Sheldrake: https://portal2013br.wordpress.com/2016/01/26/os-cientistas-da-nova-era-rupert-sheldrake-uma-nova-ciencia-da-vida-a-teoria-dos-campos-morficos-e-a-ressonancia-morfica-trigesima-segunda-parte/

Artigo recebido em 05/05/2019
Aceito em 11/05/2019

Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

2 – DESAFIOS DA PSICOTERAPIA TRANSPESSOAL
Tessituras entre o científico e o espiritual

Joana Miranda*

RELAÇÕES ENTRE ESPIRITUAL E CIENTÍFICO

A grande questão inicial deste texto é a dos desafios que se colocam à compreensão do espiritual no âmbito da abordagem da psicologia e da psicoterapia transpessoal. Como pode o discurso científico analisar as dimensões da espiritualidade? Como pode a abordagem científica cruzar-se com a vivência espiritual do cientista social? Como podem ambas as abordagens ser simultaneamente honradas?

Hartelius, Rothe & Roy (2015: 3) consideram precisamente que a perspectiva transpessoal procura uma visão nova em que a ciência humana e a espiritualidade humana possam ser honradas (Hartelius, Rothe & Roy, 2015: 3). Mas a grande dificuldade é que muitas das questões da espiritualidade dificilmente são compreendidas de acordo com os cânones da ciência psicológica. Ao serem analisadas poderão expandir a própria delimitação da ciência tal como ela tem sido compreendida até aqui. A grande dificuldade encontrada ao escrever este texto é encontrar a palavra certa, justa, adequada, que honre a ciência mas que honre a espiritualidade que dificilmente pode ser traduzida na linguagem científica tal como é compreendida no paradigma vigente. Poderá ser ele entendido como uma tentativa de dar voz ao que um psicoterapeuta com formação científica e vivência espiritual poderá experienciar e ter dificuldade em comunicar.

Alguns dirão que este é um texto pouco científico e que mais afastará a psicologia transpessoal da ciência depois de tantos esforços para ser aceite enquanto ciência e reconhecida enquanto tal. É provável que assim seja. Com todo o imenso respeito e admiração pela ciência e pelos benefícios que tem trazido ao homem não reconheço sentido de uma dicotomia entre ciência e espiritualidade. Se a ciência que estuda o ser humano negar essa dimensão, essa dimensão que integra o artífice da ciência, o cientista, o homem, essa identidade em si a partir da qual, com maior ou menor consciência faz ciência, algo estará errado. Como pode a ciência psicológica cujo objeto de estudo, de acordo com dicionários, é o estudo da alma humana não ter em conta o conceito de alma e este debate em torno do espiritual?

Como poderemos, então, entender o homem? Como um ser racional, cognitivo, que funciona com base em estímulos e respostas, como o doente sem remissão para

* **Joana Miranda** (Universidade Aberta/ CEF - Centre for Functional Ecology. Science for People & the Planet, Portugal) - Doutorada em Psicologia Social (Universidade Aberta, Lisboa), Mestre em Relações Interculturais (Universidade Aberta, Lisboa) e Licenciada em Psicologia (Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa). É professora na Universidade Aberta e membro integrado do Centre for Functional Ecology. Science for People & the Planet (Universidade de Coimbra). Exerce atividade clínica como terapeuta transpessoal na Clínica Almasoma, é membro da Alubrat, foi membro da Direção da Federação Portuguesa de Psicoterapia, tendo formação na área da psicoterapia transpessoal. www.joanamiranda.net

sempre prisioneiro das categorias de diagnóstico da doença mental, como o ser primário preso na sua sexualidade e instintos, como um ser isolado do cosmos, na sua viagem individual e separada de tudo e de todos?

Diariamente, ao longo dos últimos anos, tenho contactado, em consultório, com um outro ser humano, multifacetado, misterioso, complexo, com todas as suas possibilidades de expansão da consciência e de auto-evolução. Talvez um dia o que experimento neste contexto possa ser traduzido em linguagem científica segundo os cânones atualmente reconhecidos pela ciência psicológica. Tenho muita dificuldade em fazê-lo. O que devo fazer com o que resulta da minha experiência em psicoterapia transpessoal e que não possa traduzir de forma científica? Devo silenciar ou devo publicar em publicações de outra natureza? Seria uma opção. No entanto, urge que a ciência saiba escutar e integrar estas experiências de quem se constituiu no seu âmbito. Será que existe uma verdadeira dicotomia entre ciência e espiritualidade? Ou será que essa dicotomia não é mais do que uma ilusão? Será que existem duas categorias de seres separados: homens da ciência e espiritualistas, que percepcionam e experimentam o mundo social de formas incompatíveis?

Em muitos homens da ciência a espiritualidade é determinante e mesmo inspiradora do seu trabalho de grande mérito e revolucionário em áreas diversas do saber. No fundo, não estaremos apenas a falar de conceitos? Os conceitos procuram traduzir a realidade das coisas mas muita dessa essência perde-se ao ser traduzida em palavras como as crianças que quando passam do desenhar para o falar, quando encontram os conceitos x e y perdem o contacto com a essência dessas coisas. Quando aprendemos a dizer “árvore” passamos a relacionarmo-nos com a árvore mais enquanto conceito, etiqueta verbal do que com a essência da árvore. Mas queremos continuar encantados, nós adultos, nós cientistas sociais.

Um paradigma é, segundo Kuhn, uma constelação de crenças, valores e técnicas partilhados pelos membros da comunidade num determinado período histórico. O paradigma governa o pensamento e as atividades de investigação dos cientistas até que as suas assumpções de base sejam seriamente questionadas por novas observações (Grof, 2015: 91). E as novas observações são cada vez mais e mais difíceis de ignorar, nomeadamente sobre capacidades não conhecidas dos seres humanos, o denominado parapsiquismo (o que está para além das capacidades psíquicas descritas e totalmente compreensíveis). Capacidades telepáticas, experiências humanas excepcionais de diferente natureza e as denominadas experiências humanas excepcionais. Estas experiências consistem em experiências místicas, psíquicas, de encontro, experiências inusuais relacionadas com a morte, desempenhos humanos excepcionais, experiências de cura, experiências de desolação/nadir e experiências dissociativas (Palmer & Hastings, 2015: 334). Estas experiências foram identificadas há algum tempo mas estamos hoje mais conscientes da sua existência e das formas como se podem expressar.

No início do século XX, William James (1902/1958) escreveu em profundidade sobre o que designou de “experiências religiosas”. Na década de 1960, no auge do movimento do potencial humano, Maslow (1964) escreveu acerca de experiências de pico e de como poderiam conduzir a uma vida mais atualizada. Grof (1973) descreveu experiências que designou de “experiências transpessoais” e que envolveriam expansão e extensão da consciência para além das habituais fronteiras do ego e das limitações do tempo e do espaço. Muitos foram os autores que têm escrito sobre estas experiências (White, 1993; Braud, 2003, entre tantos outros).

Ao longo da história da humanidade fomos assistindo a diversas mudanças de paradigma. O sistema geocêntrico ptolomaico foi substituído pelo sistema heliocêntrico de Copérnico, Kepler e Galileu e a hegemonia na física newtoniana substituída pela teoria da relatividade e pela física quântica. Como diz Grof (2015) estas mudanças causam perplexidade pois os paradigmas dominantes são confundidos com descrições adequadas e definitivas da realidade. Grof escreve que existe um grande problema na relação entre os fenómenos (as coisas tal como as percebemos) e *noumena* - as coisas como elas realmente são (*Dinge an sich*), questão que foi claramente articulada

por Immanuel Kant (1999). A questão mais misteriosa – como é que os processos físicos no cérebro geram consciência – parece incompreensível e não pode ser resolvida.

O QUE TRAZ DE NOVO A PSICOLOGIA TRANSPESSOAL SOBRE A PESSOA?

A psicologia humanista nasce na década de 1950 em resposta às abordagens dominantes, a comportamental e a psicanalítica e teve por base a crítica de que estas perpectivas detinham uma visão limitada e focada na doença da psique humana. Estas perspectivas, de acordo com Jourard (1966) e com Rogers (1963) não tinham em conta a saúde, o crescimento, o potencial humano, a empatia, o sentido interior, o propósito e a experiência.

A psicologia transpessoal tem procurado compreender a relação das pessoas com os valores, com as visões e com as experiências que as levam para além das fronteiras no sentido individual de *self* (Maslow, 1968, 1969).

Nos seus anos iniciais a psicologia transpessoal funcionou primeiramente como uma psicologia destes "farther reaches of human nature" (Maslow, 1969:1), compreendidos como estados de consciência, estádios de desenvolvimento, práticas e aspirações relacionadas com estados do *self* que estão para além do ego pessoal (Hartelius *et al.*, 2007). O construto de Friedman (1981, 1983), apesar de firmado na compreensão tradicional do campo é também importante para as definições que a enquadram como um empreendimento holístico e integrativo e como uma psicologia de transformação (Hartelius *et al.,* 2007).

A visão do ser humano do psicólogo transpessoal e/ou do psicoterapeuta transpessoal é provavelmente diferente da de colegas de outras linhas da psicologia e da psicoterapia.

O indivíduo não é visto como um ser humano isolado do cosmos. De facto, para Wilber (1979) a realidade divina estaria na origem de todos os seres e seria a base da consciência humana. Procurando também compreender o ser humano com as suas determinantes biológicas e de personalidade, a perspectiva transpessoal está interessada em compreender o que está para além da consciência, o que está escondido, esquecido, dividido. Assim, trabalhando em estado alterado de consciência, em estado de transe, pode chegar-se a outros níveis de consciência. Ken Wilber na sua conceptualização da consciência refere as faixas transpessoais que se entrelaçam com os níveis anteriores e diríamos que mais elementares de consciência e abrem a possibilidade de encontrar um fio condutor da mesma, o tal cordão de prata (*sutratm* ou *antakarana*) de que falam os antigos.

Esta possibilidade de expansão tem um potencial de cura e heurístico (Grof, 2003) e a capacidade de adoptar uma experiência de significado, de propósito e de pertença ao mundo (Hartelius, Rothe & Roy, 2015). Como estes autores referem a psicologia da auto-expansão está interessada não só nestas experiências mas também nas suas capacidades transformativas. A psique não seria algo discreto funcionando de forma isolada com o corpo, com a comunidade e com o ambiente mas um aspecto local de um mundo interconectado (Hartelius, 2016), tendo este todo que ser integrado de forma a compreender cada uma das suas facetas.

Nesta perspectiva o transpessoal seria mais do que uma psicologia para ser uma orientação escolar multidisciplinar (Boucouvalas, 1999), uma orientação que foi designada de estudos transpessoais (Wilber, 1995; Friedman, 2002).

Um psicoterapeuta transpessoal poderá sentir que esta possibilidade de autoexpansão para ser aberta tem que partir de uma determinação do coração expandido, em ressonância, em consonância total e alinhada com a fonte cósmica, com o divino, com o superior (independente de qualquer aproximação mais circunscrita de natureza religiosa).

É também natural que esteja aberto às sincronicidades. O conceito de sincronicidade foi inicialmente introduzido por Carl Jung, e traduz a ideia de que os eventos são coincidências com significado se ocorrem sem qualquer relação causal mas parecem estar relacionados em termos de significado.

O terapeuta ou o caminhante deste caminho espiritual poderá encontrar sentido em tudo o que sucede na sucessão dos dias e identifica sincronicidades múltiplas: um canto de um pássaro, uma brisa mais intensa, o sino de uma igreja, um abrir de asas, tudo são epifenómenos de um fenómeno maior que é o Uno.

Estas experiências transformativas que ocorrem fora e dentro do consultório aproximam-se do termo autoatualização (Maslow, 1943, 1958) que conduz os humanos ao seu potencial mais elevado (Vaughan, 1982). Tal como referem Hartelius, Rothe e Roy (2015: 10) este processo transformativo também evoca uma filosofia e uma cosmologia que vêem o mundo como um processo vivo evoluindo com um propósito para um fim com sentido (Neville, 2007), mesmo que esse fim não seja distinto do processo em si.

Em psicologia, ainda segundo os autores citados, este tipo de processo transformativo pode ser chamado individuação (Jung, 1939, 1969), psicossíntese (Assagioli, 1965), tendência formativa (Rogers, 1978, 1980), tendência de atualização (Rogers, 1963), autopoiesis (Maturana & Varela, 1980),[1] holotrópico (Grof, 1998; 2003), evolução da consciência (Combs, 1995; Wilber, 1979). Estes processos foram vistos ou como psicológicos ou como cosmológicos. Assim, o indivíduo, em todas estas concepções, é visto como um participante deste processo transformativo.

Esta perspectiva é bem diferente da filosofia ocidental pois considera que a realidade não é composta de coisas discretas mas antes de processos de mudança (Whitehead, 1979). Para Berry (1996) “the universe is a communion of subjects rather than a colletion of objects”. A mente e a natureza não estão separadas (Bateson, 1979) mas constituem diferentes facetas de processos interrelacionados e auto-organizados (Maturana & Varela, 1980; Whitehead, 1979), cada um implícito no outro (Gendlin, 1997).

Grof (2003) identificou estados holotrópicos, estados não ordinários de consciência que promovem a cura e a transformação pessoal. Estes estados holotrópicos foram comparados a estados espirituais e místicos conhecidos em várias culturas e tradições espirituais.

Aurobindo (1990), Gebser (1972, 1949/1986) e Wilber perspectivaram o indivíduo e a sociedade como estando na confluência das forças evolutivas que os encaminham para um fim divino. Pela transformação da consciência a identidade do paciente é radicalmente reorganizada e fica sob a influência de forças maiores (Hartelius, Rothe & Roy, ibidem, 12). A progressão da organização dos padrões é invariante, o caminho espiritual evolutivo para um divino singular está claramente definida (Schuon, 1953/1984). O ego sai do campo dinâmico e chegando a um dado grau de integridade regressa a uma relação íntima com a fonte.

Wilber e Aurobindo vêem a transformação como um processo ascendente de evolução em que o desenvolvimento é cumulativo, outros como Grog e Washburn perpectivam a transformação como descendente, como regressando para recuperar aspectos do self perdidos em estádios iniciais do desenvolvimento (Daniels, 2005). Para todos eles os homens são agentes de desenvolvimento num mundo em evolução.

Para além de todas as técnicas que se podem aprender em transpessoal e de recursos terapêuticos, o terapeuta é necessariamente alguém em contacto com a sua espiritualidade, com essa dimensão em si. Os psicoterapeutas transpessoais em geral consideram que o que pode ser chamado de espiritualidade é uma parte importante da consciência e da identidade (Rodrigues & Friedman, 2015: 581). Walach (2009: 2) descreveu a espiritualidade como “having a common definitional core, some experiential, notional, behavioral or intentional relashionship with some transcendent reality, out of which arises meaning, solace or motivation for an individual”.

O psicoterapeuta tem que fazer distinções entre estados mais baixos e mais elevados de consciência, estar preparado para regredir o paciente ao período perinatal, ao parto, a vários níveis e formas de consciência.

Os desafios são para a pessoa que é o psicoterapeuta. Ao induzir estados de transe ele próprio entra no processo, ao ajudar o paciente a encontrar sentido num mundo limitado por uma apreensão apenas cognitiva e racional das coisas, ele mesmo tem que ter encontrado algum sentido na existência e ter

[1] **Autopoiese** ou **autopoiesis** (do grego *auto* "próprio", *poiesis* "criação") é um termo criado na década de 1970 pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de se produzirem a si próprios. Segundo esta teoria, um ser vivo é um sistema autopoiético, caracterizado como uma rede fechada de produções moleculares (processos) no qual as moléculas produzidas vão criar através das suas interações a mesma rede de moléculas que as produziu. A partir da origem biológica, este termo passou a ser usado noutras áreas do saber.

entrado em contacto com o seu Eu superior, podendo tornar-se alguém mais sintonizado com esse Eu superior. Este Ser maior a que se chega mediante intenção, empenho, mediante as vias meditativa e contemplativa e ao qual o psicoterapeuta munido das melhores intenções e de uma energia de amor e de chama no coração quer ajudar o seu paciente a chegar. Fá-lo mediante cuidadoso caminho de acompanhamento e mentorização, o que é uma tarefa árdua e que não é desígnio de todos os que pretendem lá chegar. Muitos são os obstáculos encontrados pelo caminho, pois numerosos desafios vão sendo colocados e nem todos os conseguem superar verdadeiramente. Os desafios são os inerentes ao próprio caminho espiritual e que estão descritos por vários autores (ver, por exemplo, Taylor, 2017). O caminho do terapeuta não é apenas (ou nem é mesmo essencialmente) um caminho de aperfeiçoamento profissional e técnico mas um caminho de autodescoberta espiritual e são, pois, dois os caminhos a ser trilhados em simultâneo, o seu consigo e o seu com o do paciente. Os dois interligam-se em pontos diversos da jornada constituindo um *puzzle* intrincado, pleno de nós, pontes, de interrogações e de surpresas que podem alterar toda a configuração mental e do espírito a qualquer momento do percurso.

A solidez de carácter e uma real motivação intrínseca e de natureza consistente, a persistência e o ensejo de descoberta da alma são características fundamentais neste percurso que não é simples e em que a tenacidade, a abertura ao diferente e ao desconhecido serão pedras de toque.

A alma, conceito que merece grande reflexão por parte da psicologia pois tem estado afastado da teorização na generalidade das perspectivações da psicologia, está sempre em cena neste emaranhado labiríntico de ser e de estar. A atitude correta será certamente a da humildade e a da tolerância, a da abertura a novos modelos e a ideias oriundas de fora do próprio campo de consciência e do que estabelecemos inicialmente como sendo certo ou errado. Com os outros aprendemos coisas verdadeiramente excepcionais e é a partir deste ponto de abertura e de entendimento que temos de nos posicionar sob o risco de nos julgarmos os reis do mundo e de perdermos todo o nosso poder e sabedoria de nível mais profundo do que aquele a que se situa o conhecimento científico que tem por base a experimentação. Esta é a humildade dos sábios que se isolam nas montanhas para melhor escutarem o canto das aves e a voz de Deus, que questionam cada uma das suas certezas e que estão atentos às movimentações diárias de todas as forças do cosmos, contemplando as estrelas e escutanto o som das cascatas, atentos ao mínimo ruído e a todas as presenças vibracionais no seu campo de consciência unificado e em expansão e retracção consoante as flutuações das energias maiores em que estamos integrados. Do todo somos parte minúscula, esse todo que se move e se escuta e que dança as danças de outras eras e em que todas as vozes são escutadas e perpetuadas e mais do que todas, essa voz imensa que é a voz do silêncio em nós. Omm, corpo sonoro do Absoluto, Shabda Brahman, som do universo que contem em si todas as reverberações da *Anima Mundi* que tudo contem e engloba e tudo adota como sendo seu e como sendo expressão do seu som interior e inconfundível.

É a partir desta paz que nos podemos entregar ao trabalho terapêutico na área do transpessoal, atentos a todas as perturbações e a todos os desafios que vão surgindo à medida que nos vamos adentrando pelo caminho, nessa floresta repleta de luz e de sombras em que estamos sempre sozinhos mas sempre acompanhados e em que a nossa voz interior é precisamente a mesma de todas as vozes de todos os homens mesmo das vozes caladas, silenciadas e em sofrimento. Chegando a essa matriz universal de alma, *anima mundi* em latim, “a alma do mundo” (originalmente formulada por Platão) podemos sentir-nos mais próximos do centro da Terra e das alturas maiores (*animus Dei*, a alma de Deus).

Poetas intemporais como Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoais, Camões, Antero de Quental, Almada Negreiros,…para apenas nos cingirmos ao nosso panorama nacional escutaram esta voz, expressaram-na e reverberaram-na e por isso integraram a sabedoria universal na sua confluência com a tradição espiritual portuguesa sempre rica e fecunda em génios da arte e da escrita, de

musas inspiradoras e de tágides dos rios.

Esta alma nacional impulsiona-nos a ir mais além e a continuar os caminhos que outros iniciaram e que enriqueceram o património material e imaterial da humanidade, elevando-nos enquanto homens à condição sagrada de unir tudo o que aparentemente está desagregado ou que não é passível de tradução e unificação. Este é o nosso papel como terapeutas, artistas, poetas ou místicos e este algo que nos une, qual nó górdio invisível aos olhos dá-nos alento a prosseguir nas mais árduas empreitadas a que os homens podem dedicar as suas vidas e que são desconhecidas de tantos e por tantos ignoradas.

Sob a inspiração de uma mesma matriz energética, geográfica e espiritual, intuída mas invisível aos olhos (como poderá esta questão ser traduzida em linguagem científica?) a alma humana navega imperturbável ao nível dos acontecimentos e dos quotidianos das gentes, dirigindo-se a um destino há muito traçado mas em que tem lugar a todo o momento o livre arbítrio e os desígnios de cada ser, em resultado da confluência complexa do seu karma e do seu dharma, dos seus ensejos, aptidões e necessidades de aperfeiçoamento durante o tempo desta existência terrena.

Níveis energéticos subtis (o corpo energético subtil) estão sempre em interligação com planos superiores e o que se passa são trocas significativas de informação e de energia entre os vários planos e níveis, ora elevando-nos ora colocando-nos mais abaixo neste espectro de consciência e de elevação moral, ética, psicológica e espiritual.

E qual o papel do terapeuta transpessoal nesta miríade de situações e de consciencializações psicoenergéticas à escala mundial ou antes planetária? Qual o papel, a função e o desígnio de um só ser num universo de galáxias e de corpos inter-relacionados que se movem para além da lógica e das racionalizações de nível mental que não o de alargar o espectro da consciência e de direcionar alguma clarificação em relação a zonas do ser situadas nas sombras e desconhecidas do homem herdeiro do legado do renascimento que apenas procura a razão e a medicação, a quantificação e a pretensa cientificidade para além dos canones do humanismo inseminado por homens como Petrarca, Goethe, Fausto ou Rimbaud?

O encontro entre as trevas e a luz, entre o esforço de gnose e o ascetismo do místico das montanhas dos Himalaias deve ser aplicado no recato de um gabinete psicoterapêutico em que o ouro da alquimia, o conhecimento das esferas e dos planos se deve cruzar com a amplitude da abertura do coração do tecelão da cura.

Falamos de mãos que tocam, que abrem canais, que pressentem acumulações negativas de energias, que geometrizam as almas, que destilam os fluídos e escalpelizam a miríade de possibilidades de transformar em ouro tudo o que tem perante si, o todo que tem perante si, reencontrando-o na oficina de um ser superior, de uma inteligência superior que tudo sabe e que tudo pode.

A verdadeira energia de cura, para além das técnicas diversas que são os instrumentos da prática psicoterapêutica, resulta da canalização energética através do próprio corpo, templo sagrado do curador que funciona como taça, *graal* de um poder cósmico e que pode canalizar essa mesma energia para um ser em sofrimento, compartimentado em que ainda se não operou essa magnífica confluência de vias, de canais e de formas de aproximação do Real que tornam o homem um ser sagrado, situado num plano mais alto e mais entrelaçado com os desígnios superiores.

O terapeuta é, pois, um canal de transmutação e de transfiguração em que o paciente pode finalmente retomar o melhor de si e reencontrar a alma perdida pelos labirintos da existência, fruto de paixões insaciáveis e de desejos nunca completos, ambiciosa dos poderes do mundo e dos pequenos desígnios dos homens que pouco mais trazem para além da perdição e do desnorteamento, da separação da unidade e da crença de que somos um ser só e refém das malhas de um destino indomável e pernicioso.

Enredados em doses e doses de substâncias dopamínicas que nos perturbam o normal funcionamento do corpo e da mente, tornamo-nos animais escravizados nas teias da indústria farmacêutica e de outras congéneres, de olhos postos nos lucros e nos ganhos fáceis, alheios ao real sofrimento humano e às suas causas naturais e não bioquímicas. O funcionamento

do homem tem causas naturais que se prendem com concentrações de líquidos e de humores, com estados de mente, com estados de ego, com flutuações de substâncias na corrente sanguínea que são alheias às injeções de produtos artificiais e de concentrados construídos pelos homens em fábricas e laboratórios.

Todas estas substâncias adormecem a nossa consciência e afastam-nos da claridade da nossa percepção interior que deve ser desembaciada e desentorpecida através de métodos que convoquem as origens, as memórias e as energias em confluência e que não sejam meros opacitadores da consciência e da reverberação do mundo em nós.

Ouçamos os ecos interiores, os sons do corpo, as vozes dos antigos, as memórias que nos ultrapassam e que se originam na noite dos tempos, os sons dos antepassados que pugnam para que as verdades que interessam não sejam esquecidas. Todo este conhecimento provém da escuta do nosso eu interior, do silenciamento, do afastamento dos objectos dos sentidos e só é possivel numa mente pacificada, num nível de consciência alargada em que tudo se reflectirá com clareza como as copas das árvores na superfície de um lago cristalino.

Desembaciar a lente que nos impede de chegar à alma, que escuta o seu clamor pela alvorada dos novos tempos, ressuscitando um homem novo, fecundo, criador e único a partir dos resquícios do passado. Tal é a tarefa da psicologia transpessoal e dos homens e das mulheres que empreendem essa cruzada ambiciosa e interminável, ainda que eterna pois dirigida ao nó dos tempos e aos caminhos mais elevados do espírito.

Nesta escruzilhada delicada entre ciência e espiritualidade dos fios pelos quais se tece a acção vamos sempre mais além do ponto em que julgávamos possível chegar e somos tantas vezes nós os surpreendidos com o mistério da criação, da cura e da transformação iminente do ser humano num ser mais completo e alinhado, mais atento aos gritos das esferas, aos resquícios de outras existências ou a patrimónios mnésicos e gnósicos que pensávamos estarem irremediavelmente perdidos nas brumas dos tempos.

Depois de anos de treino, de formação, desenvolvidas que estão a perspicácia, a atenção e a alquimia interior será então possível colher os frutos da colheita de todas as sementes diversas e maravilhosas que foram sendo plantadas com alguma aleatoriedade aparente mas que agora, quando colhidas em conjunto, se revelam em todo o seu esplendor, revelando uma verdade que está para além de todo o embaciamento e cegueira iniciais.

Munidos de todos estes instrumentos podemos sempre ir mais além e nesta cruzada não paramos de nos surpreender ou de surpreender aqueles que nos pedem ajuda porque há tanto de mistério quanto de mestria nesta senda de procura e de descoberta, de revelação de todas as formas de camuflagem da alma que os homens vão procurando em vão nas suas vidas incertas, fruto do medo, da provação, de tempos de menos claridade e da influência de massas com menos visão e clarividência.

Neste caminho da formação em psicoterapia transpessoal somos chamados a dar o melhor de nós e a colocarmo-nos com coragem, determinação, humildade e saber ao serviço de uma causa maior que ultrapassa inclusivamente os limites daquilo que entendíamos como sendo a nossa causa, algo mais nobre e superior se revela perante os nossos olhos, algo da ordem do maravilhamento, atitude beatífica com que podemos estar no mundo e contribuir para a sua evolução e transmutação.

Por que leis ou substâncias íntimas do ser, da mecânica dos nós e do corpo físico nos movemos? Tal nem sempre é inteligível pois o nível energético em que somos chamados a actuar está para além de qualquer tentativa de compreensão sistemática e é este abrir ao desconhecido que é o homem, como diria Haldane, que nos acalenta nesta senda infinda de procuras e achados, de curvas e contracurvas em que o sentido que as águas do rio tomam não é sempre o sentido inicialmente intuído pois contem-no, mas está para além dele.

Esse rio vai ter ao mar e o mar torna-se oceâno e o oceâno é, afinal, parte de um cosmos maior ele mesmo integrado em muitos e muitos cosmos até perder de vista mas em que estamos sempre munidos de bússula e de orientação superior que só nos abandona se duvidarmos do poder de tudo isto e das reais implicações de tudo isto na vida das pessoas e na sua possibilidade infinita de alcançarem estados mais elevados

de consciência e a tal beatitude que se descobre não ser afinal privilégio de um grupo de eleitos mas possível para todos os que, de facto, mais a desejam encontrar e a procuram incessantemente indiferentes aos obstáculos com que se vão deparando pelo caminho. Esses sim são provisórios e artificiais e independentes do mais íntimo do ser humano e da sua ligação com as fontes primordais de plenitude e de bem estar, de equilíbrio e de renovação.

Não é, pois, de estranhar que o psicoterapeuta transpessoal seja alguém sensível aos efeitos da natureza sobre o indivíduo, da conexão entre os diferentes mundos e planos, entre a terra, a água, o ar, o fogo e o éter, às forças celestiais que estão ligadas à dança cósmica, ao doce flutuar dos planetas na matéria cósmica e nas partículas de vida que estão espalhadas por todo o universo e que apenas não correspondem à categoria artificial a que chamamos vida.

Pedras, água, plantas, seres dos vários mundos em diálogo atento, escutando para além das fronteiras que não são mais do que aparentes, numa dança sem fim, numa escuta silenciosa e transformadora a partir da qual a verdadeira natureza de todas as coisas pode finalmente ser revelada com naturalidade e com a magia que estamos preparados para entender e que vamos estando mais e mais preparados para entender. Na escala humana alguns seres vão desenvolvendo as suas capacidades de escuta e de recepção e conseguem transcender as limitações decorrentes da estreiteza de pensamento e de análise do real, de articulação com o real e de captação dos mundos suprassensíveis que sempre aqui estiveram mas para os quais temos estado de costas voltadas, qual homem na alegoria da caverna de Platão.

O esforço dos envolvidos é imenso e esse esforço é também o da própria psicoterapia enquanto *modus vivendi* pois os dogmas a destruir são tantos que a tarefa pode parecer herculeana aos corajosos que enveredam por estes caminhos. Muitos ainda estarão enredados nas teias de alguma ambição e reconhecimento no plano do social, do grupo de pares, da autoridade da academia e das expectativas dos seus congéneres, das instituições que regulamentam a prática da psicologia procurando afirmar uma credibilidade que desconcerta os que se regem por padrões de pensamento mais racionais e por perspectivas mais clássicas e formatadoras que vêem o homem como encarcerado numa dimensão material e reducionista da verdadeira amplitude do homem e do seu carácter verdadeiramente ilimitado e cósmico. Homem partícula de um universo em autodescoberta e em dança de significados e significantes em que o real e o aparente nem sempre são correspondentes mas apenas dois termos de uma equação maior que inclui elementos dos quais nem sequer temos ainda possibilidade de consciência. Poderemos ir intuindo à medida que evoluímos como seres humanos suprassensíveis, mais norteados por algo maior e nunca antes contido nos anais do conhecimento através dos séculos.

A era é outra e estão reunidas as condições para irmos mais além, para além de tudo o que já experimentámos e que tivemos por certo, as áreas de exploração são infinitas e toda esta aventura humana já não tem a ver com descobrir que o sol é o centro do universo e que há mais mundos para além deste, que os átomos têm vida e regras próprias e se interligam segundo dinamismos especiais até agora desconhecidos mas que há caminhos cujo epicentro se situa no interior de cada homem.

Descoberta pelos caminhos da alma, rumo ao inconsciente colectivo e da espécie que contem em si tudo o que mais importa saber como intuíram os arquéticos de Jung ou a teoria de Planck que deu origem à teoria quântica como hoje a conhecemos chamando a nossa atenção para a diversidade dos corpos e partículas no universo. Ou como o Dalai Lama diz, o que há de mais misterioso contido na partícula mais ínfima de nós e que está para além de qualquer lupa até agora construída e cuja amplitude é tão infima que simetricamente proporcional ao infinito do espaço e da matéria da visão e da procura por caminhos outros, de nível mais baixo e menos atento. Seguem-se por vezes aspirações que não são as do bem comum, as do equilíbrio energético e anímico do planeta terra mas as que resultam do ego de cada um e dos seus desejos de algo maior. Isso mais não é do que nada de nada de nada e que os impede para sempre de seguir em frente face a descobertas maiores que se processam todas a partir do nível do coração e da infinita possibilidade de irradiação de amor e de compreensão, de empatia e de solidariedade

entre os povos do mundo e entre seres de natureza diversa que só podem não dialogar entre si se a limitação da nossa visão for dessa perspectiva impeditiva. Bactéria ou fungo, levedura, átomo, molécula, cadeia molecular, filamento em rotação designado DNA que contem em si toda a informação básica dos constituintes do universo vivo, linguagem universal enigmática, mas auxiliar de compreensões de ordem superior, eneagramas ilimitados de conhecimento a que aspiramos mas que antevemos com precaução pois o medo nos tolhe tantas vezes de ir mais além e de ser mal vistos, mal compreendidos ou mal perspectivados pelos que se julgam autoridade maior num campo em que ninguém tem de facto a chave para toda a compreensão. Apenas o ensejo de chegar a alguns dos elementos fundamentais. Esses são eles mesmos incompletos da compreensão maior de tudo e que é holistica, integrada e integradora, unificadora.

Um conhecimento a longo prazo sem risco de contestação experimental e científica e que se alarga sempre que algo de novo se descobre que transmite e alquimiza o todo. Esta senda sem fim poderá inspirar-nos a ultrapassar todos os nossos limites como fizeram Helena Blavatsky ou Wassily Kandinsky[2]. Procurando a hermenêutica do funcionamento das esferas, a gnose dos povos antigos, as descobertas dos químicos contemporâneos, a transmutação dos metais, a alquimia dos tempos modernos alicerçada nas bases do conhecimento hermenêutico e simbólico para além dos silogismos e das apreensões mais mecanicistas. Os voos dos astronautas a dimensões que estão para além do que terão sabido alguma vez traduzir por palavras pois nunca lá estivemos e nunca sentimos e nunca experimentámos. Como experimentadores estamos, de facto, longe dos laboratórios da alma e da destilação do ser, do sentir, do saber ser e do saber estar, da criatividade inspirada e inspiradora, das metas universais independentes do desejo dos homens ou de esquemas incomensuráveis dos tradutores da realidade encapsuladas por verdades científicas limitadoras e frustrantes que têm que ser transformadas e equacionadas sob o risco de passarmos por aqui sem vermos muito do que realmente interessa.

Este papel de auxiliador de almas, de “guardador de rebanhos” de Alberto Caeiro, de transmutador de consciências encerra em si uma verdade tão bela e tão transformadora que será difícil que alguma vez tenhamos a coragem ou a ousadia de abandonar tal mister e de sermos funcionários de uma qualquer instituição pública ou privada que nos peça para procedermos segundo automatismos inventados que nos arredem dos caminhos de maior luz e verdade, de maior esclarecimento e clarificação consciencializadora da espécie humana. Mistérios insondáveis estes dos caminhos que nos levam à procura de labores tão trabalhosos e exigentes que se situam para além das forças que julgávamos ser as nossas, das nossas limitações e pequenas histórias pessoais povoadas de maiores ou menores dramas. Incentivam-nos nas descobertas de cousas deslumbrantes perante as quais os nossos olhos se estreitam mais e se adentram quais conspiradores de uma teia de fenómenos maiores e mais transcendentes de que somos talvez mero instrumento de libertação e de entendimento da espécie do que lhe subjaz e do que vai mais além e volta e recorrentemente circula, transformando-se, enovelando-se, emaranhando-se para tão só, em seguida, se deslindar com a simplicidade com que a linha cose o pano e com que o fio de ouro tudo embeleza e surpreende pelo seu brilho e pelo seu fulgor.

Artífices da descoberta das almas assim prosseguimos neste barco rumo a futuro incerto pois é nas águas beatificamente estagnadas do presente, deste aqui e agora singular e único que lançamos âncora. Aqui ousamos contemplar tudo o que nos rodeia e a nossa própria face reflectida qual essência procurada e jamais possível de estabilizar quando o movimento, a trepidação e o almejar são excessivos e ruidosos. Parados nestas águas do ser vamos até ao nascimento e a todos os que vieram antes deste mais próximo, até à morte anterior e a todas as que a precederam ou que se lhe sucederão. O medo e a inquietação poderão turvar-nos o rosto, inibir a expressão, confundir mas está tudo lá escrito nessa superfície do lago-consciência com uma tal claridade que se situa para além dos tempos

[2] Procura de tradução do espiritual na arte patente em “Do espiritual na arte” e “Almanaque do Cavaleiro Azul”.

e de que não devemos ousar duvidar do que mais dúvidas não pode levantar.

Emersos na contemplação do esplendor do milagre da descoberta e da auto-descoberta seguimos navegantes desta viagem sem rumo com destino mais e mais dentro de nós, nos confins do ser a que só chegam os mais ousados e intrépidos navegadores.

Conhecendo-nos, conhecemos o outro em nós e todos os outros e aqueles que até nós chegam em busca de orientação ou de salvação. Apenas poderemos ajudar a salvarem-se das tiranias desse ego imenso e monstruoso que tolhe os caminhos da luz e da libertação, a libertarem-se das amarras desse eu imenso e controlador, dominador e temerário que quer que sejamos todos iguais e igualmente limitantes e limitadores, cegos a todas as formas de luz e de autoexploração, de descobrimento das paisagens interiores e dos mais belos labirintos por terras encantadas que nem ousávamos antes imaginar.

E assim vamos caminhando, partimos, voltamos, explorando sem limites, com a mente aberta, o coração escorrendo esse líquido quente e morno a que chamaram amor e que é mais doce e mais quente do que o amor como por vezes o concebemos por ser infinito e universal e contendo todas as potencialidades alquímicas que podem estar contidas num só ser e em todos os seres e no universo inteiro.

Transmutados exploramos os confins desse universo interior, trazendo todas as lanternas da consciência, as bússulas da orientação, as amarras do norteamento, os mapas da orientação sempre prontos e dispostos a abandonar tudo isso face à revelação do primeiro dos grandes mistérios, o da autodescoberta profunda e reveladora dos mistérios maiores da criação.

Um rol de personagens das histórias de cada um entram em cena e são convocadas a dialogar e a falar das suas verdades e intenções, fragilidades e bens maiores mas o interlocutor é sempre o ser que está à nossa frente e que nos escuta e que escutamos com comprometida atitude terapêutica de quem nada critica, nada julga, nada limita, nada prende, nada contem mas que tudo permite extravasar, libertar, transmutar.

Convocam-se todas as energias tolhidas do passado e as essências que ficaram esquecidas no que poderia ter sido um destino maior daquele ser mas que ainda está a tempo de se revelar, de se concretizer, de receber corpo. O corpo que está ante nós é um corpo adormecido que contem todos os segredos do universo e que tem estado calado, conformado, estanque à espera deste preciso momento em que é chamado a contar tudo aquilo que sempre soube, os choros do bebé, as ansiedades e os medos da criança, os estremecimentos do adolescente, a violência dos outros sobre ele, os encarceramentos e as tensões que foi guardando por não poderem nos diferentes momentos irem sendo expressas com liberdade e com a amplitude e a frequência necessárias e desejáveis.

O corpo contém tudo isso e mensagens de renovação possíveis que cumpre escutar, transmitir e deixar acontecer perante os olhos de todos os que vêem, dos que assistem, dos que se fazem presentes e que assim consagram o milagre da descoberta e da transmutação.

Verdadeiros laboratórios de alma podem ser estes espaços de escuta e de amor, estas gotas de encontro de seres num mundo em que os desencontros são a regra e que o encontro parece ser mais um acaso do que algo regular e libertador. Interlocutores de um plano maior e mais vasto estes são os homens e as mulheres que conseguiram cumprir planos mais altos, ouvindo-se, escutando-se, dando voz às suas falas internas, descobrindo tudo o que mais importa e consubstanciando a lógica das esferas mais altas.

Não se pode saber se se trata de uma profissão ou de um devir, de uma actividade ou de uma forma de estar e de ser em que nos nutrimos e insuflamos ar para a expansão das reentrâncias mais camufladas e mais escondidas e mais carcomidas do ser que não se desenvolveram em pleno, do Ser que não se expressou em toda a sua amplitude, em toda a sua energia e poder e que assim sendo não foi de acordo com tudo o magnífico e grandioso que poderia ter sido.

Tudo isto é tão transformador que após este encontro, ninguém é o mesmo, nem o que pede nem o que dá ajuda como se mais um marco fosse cumprido numa etapa de devir incessante. O ser transformado pode tornar-se ele mesmo agente de transformação e de libertação numa cadeia de encontros, de nutrições e de desenvolvimentos que estão para além do

limite que podemos conceber podendo formar uma cadeia de transformação à escala humana de tal dimensão que o mundo não será o mesmo depois de toda esta sucessão de encontros e de transformações, de ajudas e de descobertas, de reparações de alma através de remendos delicados com tecidos cuja matéria é tão fina e delicada que poderiamos chorar embevecidos, intensamente transtornados só de os contemplar.

Este é o tecido de que se faz o aconchego, com que se diz a alguém: "Chegaste aqui e aqui é o ponto em que te esperava e a partir de agora nada mais será igual pois estou aqui contigo e isso não é uma coisa menor, isso é tudo o que importa. Estar aqui para ti neste barco e chegar contigo à outra margem em que entenderás que nada do que julgavas importante importa e que tudo o que procuras já te encontrou e que os caminhos são estes fios de ouro em que nos enlaçamos em estados de alma que nos elevam e que nos fazem Unos. Bem-vindo, caminhante, a este terreno que é transcendente, transpessoal, além de, para além de ti, de mim e de nós, para além de tudo o que julgávamos possível e de tudo o que imaginamos mesmo nos nossos sonhos mais altos. Bom teres chegado e pouco importa o nome do que faço desde que o faça contigo e para ti, desde que estejamos juntos nesta tarefa de descoberta que é o ponto a partir do qual nada será como era antes e em que todas as possibilidades se abrirão perante ti. Este é o mundo que está aqui para ti, para o descobrires em toda a sua plenitude. O mundo que clama por ti e que te esperava e em que podes tirar todas as máscaras e silenciar esse teu ego indomável e limitador copiador de condutas alheias que não são as tuas porque, caminhante, tu és um ser tão único e tão belo que nem sei se perante um espelho poderás reconhecer toda essa tua beleza infinita! Assim vem e dá-me as tuas mãos e juntos poderemos percorrer todos estes caminhos de sombras descobrindo que por trás das sombras apenas se encobrem luzes maiores, mais vastas e mais intensas e que deverás estar preparado para enfrentar tais luzes de coração aberto e mente desperta. O ritmo a que tudo te irá sendo revelado dependerá do teu mérito em aprender e em restabelecer o equilíbrio que existia antes de chegares a esta vida. Prepara-te, pois, para ver a luz do sol e para sustentar nela o olhar, o sol, essa matriz, esse pai orientador que te nutre e te possibilita a vida, a existênca e o desabrochar. Bem-vindo caminhante, a estas terras de autodescoberta de luzes maiores".

Muito há a fazer para chegarmos a um nível de conhecimento próximo do que já tivemos no passado mas que as racionalidades leigas foram obstruindo, afastando-nos dos trilhos do que verdadeiramente interessa compreender, amar e procurar numa senda de verdade e de luz que afaste os homens destes tempos de ignorância e de sombra em que nada do que é julgado importante e a que se dedica o esforço de uma vida merece a nossa energia e dedicação.

O conhecimento sobre as energias no corpo humano era já avançado na antiguidade, nos gregos, na filosofia hunduista, no vedanta, no budismo mahayana e em todas as formulações dos sutras e dos vedas, dos ashi e do irão pérsico. Esse conhecimento circulava entre continentes apesar de não conhecermos as vias de comunicação de que hoje dispomos, de formas para além do nosso entendimento, por percepção extrassensorial e comunicação assíncrona de mentes em equílibrio e em conexão vibracional que, ao expandirem-se, expandiam toda a gnose de um dado grupo ou egrégora, elevando o conhecimento sagrado do mundo. Estas questões são de difícil entendimento hoje mas se virmos, por exemplo, o trabalho de Rupert Sheldrake sobre os campos morfogenéticos de consciência poderemos, por exemplo, entender como a informação se transmite entre seres geograficamente separados.

O racionalismo que se seguiu à Idade Média e todas as tentativas de esquecimento colectivo e de apagamento da sabedoria antiga foram frutuosas e os homens das luzes mergulharam num estado de cegueira em relação às verdades do alto, às filosofias antigas e dos povos ancestrais. O que foi etiquetado de perigoso e próximo do animal era o que, de facto, nos poderia enaltecer e distinguir enquanto espécie. Os caminhos do progresso revelaram ser antes caminhos de retrocesso e de apagamento mnésico de património invulgarmente rico dos mais antigos e dos construtores do mundo e do saber. Legados de civilizações inteiras foram apagados em nome da cientificidade e o

medo do desconhecido tem grassado a humanidade que se protege em fórmulas e esquemas racionalizadores e apagadores da consciência maior que todos temos em nós em estado embrionário que apenas espera uma oportunidade para poder ser tornada consciente.

O que dizer deste estado das coisas? O que fazer? Como mudar mentalidades que demoraram séculos a ser forjadas e obscurecidas nos meandros da pretensa cientificidade e racionalidade, da mensuração e da pretensa gnose? A verdadeira ciência psicológica não pode mais ignorar dimensões mais profundas e transpessoais do homem.

Este é o desafio dos nossos tempos colocado ao homem comum que aspira a chegar mais perto de um entendimento superior das coisas, que se posiciona como um elemento aberto ao entendimento macro do todo que o envolve e que o transforma. Como colocarmo-nos ao serviço de tudo isto? Como estarmos despertos para o que nos cerca e nos transcende? Como seguir as pegadas dos pioneiros da psicoterapia transpessoal que não se assustaram pelos limites de exploração impostos pela ciência e que ousaram penetrar em territórios inexplorados em que se situam as maiores e mais fecundas descobertas e em que a cegueira humana não chega de forma alguma se não pelo caminho da intuição e da abertura total dos centros energéticos em alinhamento e renovação. Recebendo a energia do cosmos e emanando na medida do possível à escala humana para outros homens abertos a essa mesma vibração e que com ela entrem em ressonância e reverberação sintónica por leis que estão para além das até agora descobertas pela física quântica mas que esta permite antever com alguma maior precisão do que nunca antes.

Pelo caminho do meio o terapeuta transpessoal está aberto à utilização de todas as ferramentas que lhe são dadas pela técnica e pela ciência mas está de olhos postos na outra margem, atento ao voo significativo de qualquer pássaro no espaço amplificado da mente, atento às reverberações e aos ecos sem nunca descurar o seu próprio equílibrio e o necessário realinhamento energético e espiritual que o caminho vai requerendo aos obreiros desta obra maior.

Este não é um trabalho ou uma missão de um só indivíduo mas de uma comunidade de seres entrelaçados e empenhados na construção de um bem maior e comum que contribua para uma verdadeira ascensão da humanidade a um nível superior de consciência, a uma consciência global que está para além das especificidades de cada um, na senda de visões de homens como Gandhi, Martin Luther King ou Krishnamurti, de Sri Tathata ou de Vivekananda, de Cristo ou de Maomé.

Um trabalho de grande envergadura mas que requer uma sensibilidade a nível quase que molecular, a um nível micro de entendimento do funcionamento do microcosmos e das suas ligações com os vários elementos do cosmos em que o homem se integra e com o qual se relaciona por uma multiplicidade de níveis e de corpos descritos por autores como Ken Wilber e por outros holistas que beberam a sua inspiração em textos muito antigos, alguns dos quais proibidos e escondidos do ocidente por milénios.

O corpo físico é um receptáculo de tudo isto, um enquadramento físico de um ser cuja existência e valor ultrapassam os limites do visível e do comumente considerado como corpóreo. Invólucro, caixa, sarcófago de uma alma, este corpo tem que ser chamado a intervir no processo terapêutico, convocado, tocado, convocado a falar e a revelar o que contém, as memórias e as aspirações, os bloqueios e as libertações possíveis da prisão. A alma encarcerada até então pode expressar-se no seu canto único, nota fundamental para uma completa compreensão da beleza do mundo e das múltiplas possibilidades de interligação e influência de outros seres com que se vai cruzando no caminho. Johnson (2015:489): “With this easing of the boundaries between flesh, cells, and higher states of consciousness, the therapeutic task of gaining some purchase over the sorrows of everyday life is rendered less problematic”.

A voz liberta todas as tensões e agrilhoamentos e convoca a presença do eu superior que só se manifesta quando as condições à sua manifestação estão presentes e confluem para esse ponto de emanência e manifestação. Gotícula divina em ebulição e transmutação, gota de um oceano que é a humanidade perdida na sua cegueira sem fim e no rio do sofrimento

crescente e implacável, ensurdecedor de todos os sons interiores. O homem liberto é o que se manifesta agora perante o terapeuta, ele próprio mais e mais liberto das suas próprias limitações e incredulidades momentâneas perante a maya (ilusão) do desenrolar das coisas, pelo entretecer dos fenómenos, pelo avistamento de cidades maravilhosas a que só tinha acesso nas suas fantasias de criança, antes do atordoamento colectivo e da cegueira das massas.

Este é o campo de trabalho do sagrado a que o leigo empenhado tem acesso no seu dia a dia em resultado do seu envolvimento e da sua luta em prol de um maior bem-estar e de uma pacificação global. Este é o prémio do labor de anos e do empenho de vidas. O encontro com o paciente renascido é o encontro com o seu eu mais profundo, mais ancestral que em nada se distingue do próprio eu profundo do paciente que assim se afasta do peso das sombras e das expectativas de fracasso deste empreendimento ambicioso que é o da alma humana à procura da sua expressão no tempo-espaço de uma existência na terra antes de regressar ao espaço sagrado em que pacientes e terapeutas são gotas de um mesmo rio que corre para uma luz progressivamente maior. Nesse espaço o Uno reina sem distinções, ambições ou limitações corporais ou outras. Regressar a este estado unitivo de osmose, de partilha, de uníssono, de harmonia das esferas é o desejo de ambos os envolvidos no processo terapêutico que através da relação estabelecida em contexto de consultório se aproxima dessa unidade entre seres que é o desígnio da evolução do cosmos.

É entre mundos e planos de consciência que se tece esta empreitada do coração e da alma em que o conhecimento se transmuta em sabedoria quando são tocadas as áreas, facetas verdadeiramente únicas do diamante que cada um transporta no peito. Lapidando, clarificando, sintonizado, dialogando tornamo-nos pouco a pouco mais inteiros, mais próximos da fonte e dos desígnios da nossa existência aparentemente precária e desnorteada, avulsa e incompleta.

Esta inspiração que é o próprio caminho terapêutico está muitas vezes para além da nossa própria consciência mas ilumina-nos nos passos que devem ir sendo dados, nos caminhos a escolher ou a evitar e nas pessoas que vamos escolhendo para nos acompanhar nesta jornada de vida. Mais do que uma profissão, a psicoterapia transpessoal, tal como outros estados de alma e de expressão de nível espiritual elevado, afastam-nos do ego, dos desertos da existência, das vitimizações e das lamúrias, fazendo-nos perseguir caminhos de muita luz e de muita descoberta profícua, fecundando e espalhando sementes nos caminhos dos nossos pares, de quem nos ensina e de quem connosco aprende. Tornamo-nos mais conscientes de que os humanos são uma rede de interconexões com o ambiente – ar, comida, bactérias, células, os olhares e toques dos outros, em que segundo Johnson (2015: 489) encontramos um núcleo de agência, o “I can” de Edmund Husserl (Behnke, 2003). Maurice Merleau-Ponty formulou esta interconexão como “intercorporaleidade”, que substituíria a mais abstracta “intersubjetividade”. Enfatizou a nossa inserção congénita na rede de relações que constitui o Real (Merleau-Ponty, 1968).

No caminho não existe uma verdadeira hierarquia mas antes um caminho de mãos dadas em que o que cada um realiza é o que todos realizamos em conjunto e em que as conquistas de uns são partilhadas e tornadas as conquistas de outros. O produto das conquistas não tem realmente consequências exclusivas para o bem individual mas para um bem superior de natureza colectiva e que contém em si o poder transformador à escala global e universal. Estas conquistas podem parecer ser pequenas mas são grandes e amplas e transformam os níveis de consciência planetária, contribuindo para um maior bem-estar a uma escala mais ampla do que poderemos supor, diminuindo os níveis de frustração e de ódio disseminados por vários pontos do globo em resultado de evoluções individuais tornadas colectivas dos que se encontram em caminhos de menos luz e de menor preocupação com o bem comum.

O terapeuta é um verdadeiro artífice de um mundo novo e de uma consciência renovada, atento a tudo e a todos, às diversas dificuldades que se fazem sentir um pouco por todo o globo nas mais diversas dimensões sejam as ecológicas, as materiais, as de género, as espirituais, as mediáticas, as cosmológicas, as religiosas, as científicas, as económicas, actuando em

níveis diversos e de interrrelação circunstancial ou global.

A tarefa é árdua e é tanto mais árdua quanto mais aspiramos à transformação a níveis mais elevados, à elevação espiritual de todos os seres, quanto mais reconhecemos a amplitude da nossa intervenção e as reais possibilidade de transformação das mentalidades que estão ao nosso alcance seja através da ajuda em consultório, da escrita de obras transformadoras e inovadoras que lancem luz sobre a escuridão, seja através de acções concertadas e em rede envolvendo vários intervenientes localizados noutros pontos do globo. Nada neste trabalho está ligado a aspiração e ganância individual mas ao despertar de uma consciência planetária que tem estado encoberta por tantos séculos de guerras, de genocídio, de humilhação de gentes, de afirmação de superioridades em nome da raça, do género, da idade ou do estatuto social e de outros critérios que são conhecidos dos homens mas desconhecidos dos deuses que se pautam por outro tipo de demandas e de realizações.

É em prol desta maior unidade planetária que todos os artífices do bem se devem unir e dar voz ao que de melhor têm em si, pouco preocupados com desígnios outros que não o bem-estar da humanidade e de cada ser humano em particular, de cada animal e de cada planta, de cada mineral e de cada objecto do mundo animado e inanimado que se interligam de formas que até hoje ainda não foram compreendidas mas que poderão vir a ser num espaço de poucos anos se a consciência ascender a níveis mais e mais elevados. E se a fusão de tudo e de todos puder ser apreendida pelos navegantes desta nave espacial desta galáxia perdida entre tantas e tantas outras galáxias componentes de um todo sem fim, navegantes desse mar infinito que se situa para além da nossa possibilidade de concepção do infinito.

Em termos teóricos e conceptuais o trabalho a fazer é também infinito pois desde a separação da matéria e da energia e da visão dual do mundo e das coisas, as principais consciencializações ficaram afastadas da nossa apreensão e julgamos saber e poder quantificar e conhecer coisas que nada traduzem sobre a realidade e sobre o todo. E assim ficamos incrédulos perante tanta diversidade e beleza, emersos em paradigmas ultrapassados e em sistematizações pouco fecundas segundo as quais uma coisa é o mundo físico, dos objectos e da matéria e outro o mundo espiritual e outro o energético quando no fundo, todos são um só e não só a matéria é também manifestação de energia como a energia é manifestação de vibração que resulta por sua vez das reverbações através do espaço e do tempo de um som único e original que tudo contem. As dores dos outros são as nossas dores e as dores que nos encontram são as que urge escutar e compreender em nós. Segundo esta perspectiva não existe um curador e um curado mas uma díade de seres que se entrecruzam e crescem juntos um pouco graças à abertura que os dois se permitem num contexto terapêutico, de ajuda e de abertura espiritual e em que através de espelhos e reflexos a visão de cada um se apura até um nível verdadeiramente transformador, constituindo mais um passo no caminho da descoberta da essência humana que os próprios alquimistas procuram há tantos anos nos processos de progressiva depuração.

O ouro da consciência e da pureza de intenções emana na sala de terapia onde desce uma energia maior de compreensão e intuição e é possível ascender a outros níveis de entendimento da aventura humana e do empreendmento de cada alma avulsa que luta na sua aspiração ao todo e à unidade.

Como traduzir estes processos se não experimentando-os? Fragmentos que somos, seres isolados, limitados, aproximamo-nos da tão almejada unidade. Para além das paredes do consultório há todo um mundo des sensações e de intuições a descobrir, um mundo mágico povoado de descobertas fantásticas que não nos era possível almejar a partir da estreiteza da nossa mente e da nossa consciência de seres isolados e abandonados nesta aventura inóspita da espécie humana pelos territórios do desconhecido.

O que fazer, então, depois de despertos?

Certamente despertar outros, mais e mais, mais e mais, sem limites para a acção pois os limites estão apenas onde os pretendemos colocar. Em última instância, os limites não existem. São uma construção da mente obscurecedora da mais nobre das verdades, da Verdade que se situa para além de todas as verdades de nível inferior ligadas

a diferentes aproximações epistemológicas ou espirituais que mesmo no estado de maior plenitude são limitadas enquanto aproximações humanas ainda que inspiradas pelos planos superiores. A moksha hindu que serve de inspiração a tantos povos dessas paragens e que afecta comportamentos das massas mais iluminadas aproximando-os de estados de maior pacificação do desejo e contemplativos de ordem superior, permitindo a chegada a visões mais abrangentes do rumor dos dias. Nirvana da cultura budista japonesa, estado superior de identificação com o cosmos e de aproximação fusional do logos superior, para além de tudo o julgado efémero e inconsequente. Ascese mística cristã conhecida através dos relatos de tantos místicos cristãos que através das suas práticas, rituais e meditações se aproximaram desse ideal salvítico cristão enunciado pelos antigos nos testamentos e consubstanciado nas vidas de apóstolos e de outros grandes crentes da história da humanidade que deixaram os seus testemunhos de vidas para além do comum dos mortais tocando reinos de espiritualização intensa e sublime que marcam a fronteira em relação ao dito mundo dos vivos e que lançam o homem numa aventura cósmica de unidade e fusão unitiva para além do passível de apreender pela mente humana desligada dos sentidos interiores mais evoluídos e também mais desconhecidos do intelecto humano.

O Tao, esse céu maior, o maior dos sete céus da tradição chinesa em que a amplitude da visão é tão vasta que inacessível aos pobres de espírito, incontido por categorias ou tentativas de apreensão e resultante de experiência mística ao mais alto nível, a que se chega percorrendo os degraus das sete escadas[3] em convulsão permanente mas que implica que as sete escadas sejam lançadas fora sob o risco de haver regressão a estados menos avançados em que o mundo dos objectos ainda exerce atracção excessiva e prejudicial ao caminho maior da beatitude anímica e alquímica.

Atentos à tradição de Samos de Epicuro, sábio da antiguidade, grego de nacionalidade mas cidadão dos universos paralelos, caminhante pelos territórios da geometria da alma, procurando um centro, o centro de tudo, o lugar sem influências das limitações exteriores, ponto de confluência de todos os rios e meridianos ecleudianos, em que o artífice maior pode trabalhar sem limitações nem impedimentos, consubstanciando o trabalho maior e cosendo com as linhas certas os destinos de tudo o que é e de tudo aquilo que não é e se pode ainda tornar, num devir sem epicentro e em que os centros se desdobram em pregas intermináveis de partículas, sons, energia e devir. O centro do centro do centro, ponto infinito e ínfimo e que é o todo e que é o nada e tudo o que possa entre eles existir. Desígnio ígneo este bordado a fio de ouro a que almejamos mas em relação ao qual por vezes vamos fracassando pois não estamos ainda preparados para todas as tarefas que nos vão sendo dadas e que estão para além das limitações humanas a que o próprio universo poderoso por vezes não terá a consciência total pois apesar de nós sermos ele e dele sermos nós as nossas imperfeições raiam o trágico e o cómico e nesta dualidade de mundos em que ousamos dançar por vezes aproximamo-nos mais de essências mais primárias e ditas mais animais do que do sublime da grandeza do espírito que interiorizamos pouco, a que aspiramos muito mas de que nos distanciamos ao menor passo em falso.

Cautela pois é exigida aos caminhantes deste xadrez galáctico em que as peças movidas têm sempre implicações a vários níveis e em universos sensíveis a que estamos ligados por matrizes de relações muito diversas daquelas de que nos apercebemos. Não podemos, no entanto, ao jogar os dados pretender ser deuses ou jogadores mas remetermo-nos ao divino em nós, sagrado e profano, humano e animal, pequeno e grande, limitado e limitador mas potencialmente gerador de Verdade e Grandeza cósmica e potencial transformador das consciências já em gestação para as eras que virão. Enfrentarão desafios outros que aqueles com que agora estamos confrontados e que são eras de trevas e de ignorância, de insensatez e de procura gananciosa de conquistas que jamais poderão satisfazer as nossas ambições ilimitadas e limitadoras de toda a espécie de evolução da espécie. Que haja homens e

[3] A nossa filosofia ensina-nos que assim como há sete forças fundamentais na natureza e sete planos de existência, há também sete estados de consciência nos quais o homem pode viver, pensar, lembrar-se e ter o seu ser." Blavatsky, "A chave para a Teosofia".

mulheres capazes dos desígnios instaurados e das determinações maiores da alma humana envolvendo-se em projectos que, por vezes, parecerão do domínio da fantasia aos olhos dos mais ignorantes mas que são verdadeiras quimeras herculeanas a que só a força do espírito tem possibilidde de conduzir a bom porto. Nesta empreitada é fundamental que estejamos a trabalhar juntos em planos articulados com desígnios superiores e impulsionadores de toda a acção, afastando-nos da nossa condição de formigas humanas em labuta cega e aproximando-nos do estado de deuses em devir e transmutação de forças maiores e mais escuras em algo verdadeiramente claro, límpido, transparente que são as águas do espírito filtradas que estão as estranhas limitações do ego e da consciência não alargada e próxima do material e do terreno, ignorando as nuvens e o celestial, as esferas mais altas e as vozes dos anjos qualquer que seja a forma sob a qual se possam connosco cruzar.

Que haja em nós a força para tudo isto ver, para tudo isto intuir e para a tudo isto dar corpo e alma. Como escrevem Anderson & Braud (2015: 255) “the numinous way always eclipse human understanding. Therefore, may a spirit of generosity and humility abound in transpersonal research efforts. Allow that human and global consciousness may be changing in ways that cannot be known”.

REFERÊNCIAS

Anderson, R. & Braud, W. (2015). Transpersonal research and future directions. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 241-260).West Sussex: Wiley Blackwell.

Assagioli, R. (1965). *Psychosyntesis. A manual of principles and techniques*, Londres: Turnstone Books.

Aurobindo, S. (1990). *The synthesis of yoga*. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram (trabalho original publicado em 1939-1940).

Bateson, G. (1979). Mind *and nature: A necessary unity (Advances in systems theory, complexity and the social sciences),* Nova Iorque, NY: Hampton Press.

Behnke, E. (n.d.). *Null body, protean body, potent body, neutral body, wild body*. (Disponível do autor sppb@openacess.org).

Berry, T. (1996, abril 9). *Ethics and ecology*. Paper apresentado no Harvard Seminar on Environmental Values.

Boucouvalas, M. (1999). Following the movement: from transpersonal psychology to a multidisciplinary transpersonal orientation. *Journal of Transpersonal Psychology*, *31* (1): 27-39.

Braud, W. (2003). *Distant mental influence: Its contributions to science, healing, and human interactions.* Charlottesville, VA: Hampton Roads.

Combs, A. (1995). *The radiance of being*. Edimburgo, Escócia: Floris.

Daniels, Michael (2005). Traditional roots, History, and evolution of the transpersonal perspective. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 23-43). West Sussex: Wiley Blackwell.

Friedman, H. (1981). The construction and validation of a transpersonal measure of self-concept: The self-expansiveness level form. *Dissertation Abstract International,* 42 (*02*), 0079B (UMI#8117150).

Friedman, H. (1983). The self expansiveness level form: A conceptualization and measurement of a transpersonal construct. *Journal of Transpersonal Psychology*, *15* (1): 37-50.

Friedman, H. (2002). Transpersonal psychology as a scientific field. *International Journal of Transpersonal Studies,* 21: 175-187.

Gebser, J. (1972). *Foundations of the aperspectival world*. *Main Currents*, *29*, 2.

Gebser, J. (1986). *The ever-present origin* (In Barstad & A. Mikunas, Trans.). Atenas, OH:

Ohio University Press (Trabalho original publicado em 1949).

Gendlin, E. (1997). *Experiencing and the Creation of Meaning: A Philosophical and Psychological Approach to the Subjective (Studies in Phenomenology and Existential Philosophy),* Chicago: Northwestern University Press.

Grof, S. (1998). *The cosmic game: Explorations of the frontiers of human consciousness.* Albany, NY: State University of New York Press.

Grof, S. (2003). Implications of modern consciousness research for psychology: Holotropic experiences and their healing and heuristic potential: *The Humanistic Psychologist*, 31 (*2-3*): 50-85.

Grof, S. (2015). Revision and re-enchantment of Psychology. Legacy from Half a Century of consciousness research. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 91-120). West Sussex: Wiley Blackwell.

Hartelius, G., Rothe, G. & Roy, P. (2015). A brand from the burning: Defining transpersonal psychology. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 3-22). West Sussex: Wiley Blackwell.

Hartelius, G.; Caplan, M & Rardin, M. (2007). Transpersonal psychology: Defining the past, divining the future. *The Humanistic Psychologist, 35* (2): 1-26.

Johnson, D. (2015). Transpersonal dimensions of somatic therapies. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 480-491). West Sussex: Wiley Blackwell.

Jourard, S. (1966). An exploratory study of body accessibility. *British Journal of Social and Clinical Psychology,* 5, 221-131. Kneidinger, L. M., Maple, T. L., Tros.

Jung, C. (1939). *The integration of the personality*. Oxford, UK: Farrar & Rinehart.

Jung, C. (1969). *The collected works of C.G. Jung* (vol.9, Part 1, The archetypes and the collective unconscious, 2nd ed.). Princeton, NJ: Princeton University Press.

Maslow, A. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, *50* (*4*): 370-396.

Maslow, A. (1964). *Further notes on the Psychology of Being, Journal of Humanistic Psychology,* 4 (*1*): 45-58.

Maslow, A. H. (1958). *Toward a psychology of being* (2nd ed). New York, NY: Van Nostrand Reinhold.

Maturana, H. & Varela, F. (1980). Autopoiesis and cognition: The realization of the living. In R.S. Cohen & M.W. Wartofsky (Eds.). *Boston studies in the philosophy of science*, (Vol. 42). Dordrecht, The Netherlands: D. Reidel.

Merleau-Ponty, M. (1968). The visible and the invisible (A. Lingis, Trad.). Londres: Routledge & Keegan Paul (trabalho original publicado em 1945).

Neville, B. (2007). What kind of universe? Rogers, Whitehead and transformative process. *Person-Centered & Experiential Therapies*, *6* (4): 271-285.

Palmer, G. & Hastings, A. (2015). Exploring the nature of exceptional human experiences: Recognizing, understanding and appreciating EHEs. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 333-351). West Sussex: Wiley Blackwell.

Rodrigues; V. & Friedman, H. (2015). Transpersonal psychotherapies. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 580-596). West Sussex: Wiley Blackwell.

Rogers, C. (1963). *Actualizing tendency in relation to "motives" and to consciousness*. Lincoln, NB: University of Nebraska Press.

Rogers, C. (1978). The formative tendency. *Journal of Humanistic Psychology*, 3 (*2)*: 72-92.

Rogers, C. (1980). *The way of being*. Nova Iorque: Houghton-Mifflin.

Schuon, F. (1984). *The transcendent unity of religions.* Wheaton: Theosophical Publishing House (trabalho original publicado em 1953).

Taylor, S. (2017). *The leap. The psychology of spiritual wakening.* Londres: Hay House.

Vaughan, F. (1982). Transpersonal psychotherapy: context, content, and process. *Journal of Transpersonal Psychology*, *14* (1): 37-45.

Walach, H. (2009). Spirituality: the legacy of parapsychology. *Archive for the Psychology of Religion*, *31*: 277-308.

Washburn, M. (1995). *The ego and the dynamic ground: A transpersonal theory of human development* (2nd ed., Rev.). Albany, NY: State University of New York Press.

White, R. (1993). Working classification of EHEs. Exceptional Human experience: *Background Papers*, 11 (*2*): 149-150.

Whitehead, A. (1979). *Process and reality: an essay on cosmology* (corrected ed.; D.R. Griffin & D.W. Sherburne, Eds.). Nova Iorque, NY: Free Press.

Wilber, K. (1979). A development view of consciousness. Journal *of Transpersonal Psychology*, *11* (1): 1-21.

Wilber, K. (1995). *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*. Boston, MA: Shambhala.

Artigo recebido em 20/11/2018
Aceito em 06/03/2019

Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

3 – RESILIÊNCIA FAMILIAR FRENTE À DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Emanuela Pompa Lapa*

RESUMO

A drogadição é um grande problema enfrentado pela sociedade contemporânea, que atinge não só o sujeito consumidor da droga, mas também compromete diretamente toda a dinâmica familiar, causando danos e sofrimento para todos os envolvidos. O presente ensaio busca analisar a importância da família no processo de enfrentamento, recuperação e superação da dependência química. Para tanto, inicia-se com a abordagem sobre a família e o impacto da dependência nos diversos domínios da vida social, em especial, nas relações familiares. Em seguida, destaca a resiliência familiar como uma das principais potencialidades e forças positivas no processo de tratamento. Ao final, o intuito é justamente demonstrar a força da família como aliada principal para a superação desse drama humano.

Palavras-Chave: Dependência química. Família. Resiliência. Superação.

1 INTRODUÇÃO

As pessoas fazem uso de drogas desde sempre, por diferentes motivos, em diferentes quantidades e frequências, e seguirão consumindo. Tem sido assim ao longo da humanidade.

O quadro de dependência química implica consequências morais, econômicas e sociais para o indivíduo, bem como para as pessoas que compõe sua rede de relações, intervindo de modo negativo nas formas de compreender a vida e vivenciar o cotidiano (CAVALCANTE; FALCÃO; LIMA; 2012).

Nos dias atuais, esse fenômeno humano é considerado importante fator de risco à saúde e à produção de danos devastadores de cunho físico, biológico e emocional na vida de usuários e familiares. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o uso abusivo de drogas como uma doença progressiva, crônica e recorrente. E continua afirmando que a dependência ao álcool e as outras drogas é um dos problemas de saúde pública de maior relevância, mas que é passível de tratamento.

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), a dependência química caracteriza-se pela presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, indicando que o indivíduo continua utilizando uma substância, apesar de problemas significativos relacionados a ela (Sousa, Ribeiro, Melo, Maciel, & Oliveira, 2013).

No Brasil, nota-se a busca pela realização de estudos e pesquisas de abrangência nacional que possibilitem um diagnóstico

* **Emanuela Pompa Lapa** – Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Especialista em Direito Civil e Direito do Consumidor pelo JusPODIVM. Integrante do IBDFAM. Advogada especialista na área de Família e Sucessões. Sócia do Lapa Góes e Góes Advogados. E-mail: emanuela@lgg.adv.br.

sobre a situação do consumo de drogas e seu impacto nos diversos domínios da vida da população em geral e naquelas mais específicas que vivem sob maior vulnerabilidade para o consumo das drogas. Observa-se a exposição de dados relacionados ao aumento do número de usuários de álcool e outras drogas em situação de dependência.

Na pesquisa realizada em 2015, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelou o aumento do acesso precoce a bebidas alcoólicas e a drogas ilícitas dos jovens. Dos cerca de 2,6 milhões de estudantes que cursavam o 9º ano do ensino fundamental em 2015, 55,5% (1,5 milhão) já havia consumido uma dose de bebida alcoólica alguma vez, percentual superior ao observado em 2012 (50,3% ou 1,6 milhão). A proporção dos que já experimentaram drogas ilícitas subiu de 7,3% (230,2 mil) para 9,0% (236,8 mil) no mesmo período. Em relação ao consumo atual de álcool e drogas ilícitas, respectivamente, 23,8% (626,1 mil) e 4,2% (110,5 mil) dos estudantes tinham feito uso dessas substâncias nos últimos 30 dias antes da pesquisa. Já o percentual de estudantes que já haviam experimentado cigarro caiu de 19,6% em 2012 para 18,4% em 2015. A maior parte dos estudantes (88,6%) tinha idade entre 13 e 15 anos, sendo que 51,0% tinham 14 anos. Os meninos representaram 48,7% (1,28 milhão) e as meninas, 51,3% (1,35 milhão) da amostra. A rede pública de ensino concentrou 85,5% (2,3 milhões) dos estudantes, enquanto 14,5% (380,4 mil) estudavam na rede privada.

Ainda de acordo com os dados extraídos dessa pesquisa, ficou constatado que a experimentação de drogas ilícitas cresceu de 7,3% para 9,0% entre 2012 e 2015. O consumo atual de drogas ilícitas (nos 30 dias anteriores à pesquisa) foi relatado por 4,2% dos estudantes, sendo superior entre os meninos (4,7% versus 3,7% das meninas). Quando considerados somente os escolares que já experimentaram drogas, o consumo atual foi de aproximadamente 46,6%.

Portanto, não se pode ignorar a gravidade desse fenômeno social que abala não só o indivíduo, desde a sua adolescência, sem distinção de gênero e idade, mas também atinge diretamente a sua família, tornando-se um problema multidimensional e de interesse social relevante.

Muitos pesquisadores têm focado em estudos dando ênfase, sobretudo, aos aspectos negativos desse drama, elegendo os culpados e analisando os prejuízos e danos causados, como separações e extinção dos vínculos, e, ainda, os fatores familiares que têm sido relacionados ao uso, abuso e/ou dependência de drogas, comprometendo a coesão.

Contudo, e sem ignorar essa triste realidade, o presente ensaio pretende destacar, em especial, a escolha do dependente pelo enfrentamento desta doença através do apoio familiar.

Assim, e para compreender melhor a potencialidade da unidade familiar na luta contra a problemática das drogas, é que se inicia este artigo com uma breve abordagem sobre a família e o impacto da dependência química nas relações familiares. Em seguida, será destacado o conceito de resiliência familiar na perspectiva sistêmica de Froma Walsh.

Ao final, pretende-se registrar a importância da família como uma das principais potencialidades e forças positivas no processo de enfrentamento, recuperação e superação da dependência química.

Ressalta-se, por fim, que este estudo é realizado através de pesquisa bibliográfica, normativa, dados do IBGE, publicações periódicas, artigos de revistas e casuística, tudo com a intenção de melhor explicitar o tema abordado.

2 IMPACTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NAS RELAÇÕES FAMILIARES

A família contemporânea sofreu profundas modificações nas últimas décadas, seja em sua natureza, seja em sua composição ou concepção.

Nesse sentido, para Petrini (2005, p. 50),

> os contextos familiares existentes, na pluralidade de configurações historicamente observáveis, parecem ser impelidos a uma permanente reformulação dos significados vividos, das metas propostas e dos métodos para que a convivência familiar continue sendo fonte de satisfação e de esperança quanto à utilidade dos sacrifícios enfrentados.

Atualmente, podemos encontrar desde famílias nucleares, aquelas constituídas por pai, mãe e filho, como famílias monoparentais, de pais ou mães solteiras, divorciadas ou viúvas; as famílias recompostas por um novo vínculo conjugal e, ainda, famílias de casais homoafetivos.

De qualquer forma, mesmo estando em profunda e permanente transformação, a família é o primeiro grupo a quem pertence o indivíduo e indispensável, portanto, para o seu desenvolvimento, tendo no afeto a questão central das relações.

A família é considerada um dos maiores recursos de sustentação para a pessoa e a sociedade, sendo escolhida como parceira da administração pública para a realização de políticas sociais (PETRINI, 2005). Por isso, crescem as políticas públicas que procuram fortalecer as famílias, de forma tal que sofram menos os condicionamentos de circunstâncias adversas e tenham condições de desempenhar funções educativas e de amparo (DONATI, 2008).

É bem verdade, por outro lado, que as relações familiares também geram conflitos instaurados numa dinâmica de construção. Nesse processo de construção, de acordo com Mioto (1997, p. 117), “a família pode se constituir no decorrer da vida, ou em alguns momentos dela, tanto num espaço de felicidade como num espaço de infelicidade; de desenvolvimento para si e para seus membros, como num espaço de limitações e sofrimentos”.

Por uma consequência quase que inevitável e natural, as famílias são abaladas em sua funcionalidade familiar pelas situações repentinas ou persistentes de crise e estresse na existência da problemática do consumo de substâncias psicoativas (ZERBETTO; GALERA; RUIZ, 2017). Para essas autoras, a família é reconhecida como fator e cenário de risco diante da complexidade das drogas, o que requer do profissional de saúde um olhar direcionado para corrigir as limitações da família e seus déficits.

É indiscutível que vivenciar a problemática das drogas é um acontecimento devastador não só na vida do indivíduo dependente, mas também dos seus familiares, muitas vezes gerando agressões e separações, mas também pode ser uma oportunidade de fortalecimento dos laços e reconstrução do funcionamento familiar.

No processo de cuidar, as famílias enfrentam situações adversas capazes de provocar danos em sua estrutura e dinâmica relacional, principalmente pela exposição frequente a situações de violência, falência financeira, sofrimento emocional e deterioração de laços afetivos (COSTA, 2015).

De qualquer forma, é inquestionável que o envolvimento da família no tratamento do dependente tem sido apontado como um vetor importante para o sucesso terapêutico da dependência química.

Assim, compreendendo a dependência química como resultado da interação de aspectos de natureza biológica, psicológica e social, as intervenções de tratamento devem considerar essas múltiplas dimensões, além de observar as especificações de cada indivíduo e das dinâmicas familiares.

É necessário pensar no tratamento de usuários de substâncias químicas de uma forma abrangente, que contemple diferentes modalidades e diferentes instituições, mas de preferência envolvendo a família.

Como bem destacado por Costa (2015), em prol da efetivação das propostas de reabilitação, considera-se a família como eixo central de trabalho por exercer papel fundamental no que concerne ao suporte afetivo e moral do usuário, fazendo parte da abordagem psicossocial defendida na rede de cuidados.

Portanto, e independente do tipo de tratamento, não se pode deixar de enaltecer a escolha feita por muitos pelo enfrentamento desta doença apoiados, sobretudo, na força e no poder que a família tem na vida e constituição do indivíduo.

3 A RESILIÊNCIA FAMILIAR

O termo resiliência, originário da física, foi adaptado ao campo da psicologia e, em particular, da saúde, relacionado à capacidade de regeneração, adaptação e flexibilidade. Na física, resiliência significa propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica.

Ao longo da história, tivemos vários exemplos de indivíduos que superaram sérias circunstâncias adversas, e, mais ainda, viveram situações de tragédia ou estresse que pareceriam impossíveis de

superar, mas não só as superaram, como pareciam sair delas mais fortes e renovados. Citamos o exemplo de Anne Frank (1929-1945), de origem judia, que, através de seus diários, mostrou ao mundo a possibilidade de, mesmo vivendo diante de terríveis atrocidades nos campos de concentração, nunca perdeu a esperança e a alegria de viver (MARTINS, 2014).

Aconteceu, especialmente a partir de 1988, um olhar da psicologia para aspectos potencialmente saudáveis, ligados à motivação e capacidades humanas, investigando características e propriedades familiares que ajudariam em situação de crise e observando a importância do grupo familiar neste processo.

É bem verdade, contudo, que existe pouca produção científica ainda sobre resiliência, em especial, a resiliência nas famílias. Os estudos sistemáticos iniciam sobretudo a partir dos anos 70, mas é nos últimos dez anos que o movimento vem ganhando força na expectativa de que profissionais insiram o construto da psicologia positiva em seus estudos.

Mais recentemente, nos anos 80, as investigações sobre a resiliência se dirigiram para o funcionamento familiar, dando origem ao surgimento de uma nova construção sistêmica, capitaneadas por Rutter (1987) e Walsh (2003, 2005, 2012), sendo que esta última construiu uma estrutura conceitual que denominou “funcionamento familiar efetivo” para avaliação das **práticas em resiliência familiar.**

Para Walsh (2003, 2005, 2012), a resiliência familiar na visão sistêmica é construída por uma rede de interações e experiências no decorrer da vida e entre gerações, o que fortalece o grupo familiar enquanto unidade funcional. O modo como a família enfrenta e lida com a experiência adversa e se reorganiza de modo eficiente influenciaráo grupo familiar, o que contribui para a resiliência de todos os seus membros. Resiliência familiar envolve potencial de resistência, reestruturação, recuperação e crescimento em famílias que enfrentam adversidades e graves desafios da vida.

A autora afirma que muitas famílias encontram força, conforto e orientação nos momentos de adversidade através da ligação com tradições culturais e religiosas.

Ainda de acordo com o modelo desta autora, os elementos fundamentais para a resiliência familiar envolvem sistema de crença familiar, padrões organizacionais e processos de comunicação. O sistema de crenças é quando uma família compartilha seus pensamentos e sentimentos sobre uma determinação situação, construindo um novo significado: Extrai-se significado da adversidade, perspectiva positiva; transcendência e espiritualidade. Os padrões organizacionais estão relacionados às estratégias utilizadas pela família a fim de reestruturar a vida e mobilizar recursos internos e externos para respostas eficazes aos papéis e tarefas que lhe são solicitadas. São os padrões de interação e regras consistentes, com alguma estabilidade e rotina, que garantem confiabilidade e a sensação de continuidade no tempo. Os processos de comunicação consistem em recursos facilitadores do funcionamento familiar, que permitem expressões emocionais e reações abertas e claras, e incentivam resoluções de conflitos e problemas de forma colaborativa (WALSH, 2005).

Portanto, solucionar problemas de forma colaborativa pressupõe o reconhecimento do problema, observar a importância e possibilidade de resolução, trocar ideias e finalmente tomar decisão.

Princípios básicos fundamentados nos estudos de Walsh (2005) sustentam que a força individual interfere no contexto da família, episódios de crise e estresse afetam além do indivíduo, processos familiares podem promover tanto a recuperação, quanto aumentar a vulnerabilidade individual (PALMA, 2013).

Em seu estudo sobre essa construção conceitual, Palma (2013) destaca que na tentativa de entender quais podem ser os esforços de uma equipe multidisciplinar para encorajar e fortalecer processos facilitadores de resiliência na família em crise pela doença, os indicadores de Walsh (2005) oferecem possibilidades instrumentais de investigação muito interessantes.

A pesquisa realizada por Zerbetto, Galera e Ruiz (2017), que também se utilizou da teoria sistêmica de Walsh, evidenciou justamente a força e o papel da família, enquanto parceira no tratamento. Foram reconhecidos por sua disponibilidade em compreender e oferecer apoio ao seu membro familiar adoecido em momentos de grande conflito familiar, bem como no

enfrentamento de consequências físicas dos efeitos da droga.

Os profissionais de saúde envolvidos neste estudo perceberam atributos fundamentais de resiliência familiar nas dimensões de comunicação, padrões organizacionais e forças familiares com influência no processo relacional e funcionalidade da família. Tais elementos positivos e eficazes ajudaram os familiares no enfrentamento e superação das adversidades, bem como nos desafios durante o acompanhamento de seu próprio tratamento e o de seu membro familiar (ZERBETTO; GALERA E RUIZ 2017).

Não se pode discordar, portanto, que quando os membros familiares se comunicam abertamente e compartilham suas dúvidas, anseios, angústias de maneira eficaz, clara e objetiva entre os seus, crescem as possibilidades de uma melhor compreensão da situação adversa ou a problemática e sua natureza. E, por consequência, podem buscar, nesse sentido, uma resolução positiva dentro ou fora do contexto familiar, fazendo toda a diferença no enfrentamento da dependência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as famílias, ao longo do seu percurso, lidam com desafios e crises variadas e têm um potencial de resiliência.

Existem famílias que são capazes de lidar melhor com as adversidades, utilizando-se de instrumentos de união e comunicação clara entre os seus membros e, agindo como tal, podem exercer papel preponderante e servir de motivação constante no processo de recuperação do dependente químico.

É necessário construir um olhar na direção positiva de identificar e valorizar a maneira que tais famílias enfrentam situações adversas e conseguem superá-las. A resiliência familiar traduz uma dimensão de positividade das reações dos seres humanos frente aos desafios que enfrentam, relevando-se como um instrumento capaz de enfrentar o drama humano.

Diante deste contexto, mais do que nunca se tornam necessários os princípios básicos que constituem em identificar os problemas da família, humanizar as pessoas que estão próximas a dependentes químicos, demonstrar que não há culpados nessa luta, influenciar comportamentos para ajudar familiares e dependentes e apresentar maneiras de cooperar com a recuperação, capacitando as famílias para reagir de forma positiva às situações potencialmente provocadoras de crises, superando essas dificuldades e promovendo a sua adaptação de maneira produtiva para o seu próprio bem-estar.

O importante é manter o sentido de família, extraindo o melhor de suas situações, do indivíduo e inventando novos modelos de conexão humana.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Disponível em https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/9501-pense-2015-55-5-dos-estudantes-ja-consumiram-bebida-alcoolica-e-9-0-experimentaram-drogas-ilicitas.html. Acesso em 25 de junho de 2018.

BRASIL, V.R. **Um olhar sistêmico do processo de tratamento da drogadição na família**. Dissertação de Mestrado. PUC SP, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1553>. Acesso em: 24 de junho 2018.

CARNEIRO MACIEL, Silvana et al. Sintomas depressivos em familiares de dependentes químicos. **Psicologia: teoria e prática**, v. 16, n. 2, 2014. Disponível em: http://www.redalyc.org/html/1938/193832102002/. Acesso em: 26 de junho 2018.

CAVALCANTE LP, Falcão RST, Lima HP, Marinho AM, Macedo JQ, Braga VAB. **Rede de apoio social ao dependente químico: ecomapa como instrumento de assistência em saúde.** Rey Rene (Internet). 2012; 13(2): 321-31. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3920/3112. Acesso em 24 de junho 2018.

COSTA, Lorena de Farias Pimentel. **Desafios de familiares envolvidos no processo de cuidar de dependentes químicos**. 2014. 120f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal da Paraíba:

João Pessoa (PB), 2015. Disponível em http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/7582. Acesso em 25 de junho 2018.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI:** *abordagem relacional* / Pierpaolo Donati; Tradução João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008. – (Coleção família na sociedade contemporânea).

FILHO, Gabriel Manzano. Drogas – como sair dessa. In: **Revista Galileu. Rio de Janeiro**: Globo, 1999. p. 46-54.

MARTINS. Maria Helena. Resiliência Familiar - Revisão Teórica, conceitos emergentes e principais desafios. Book. Grei. ***(PDF)*** **Resiliência Familiar - Revisão Teórica, conceitos emergentes e principais desafios.** Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262057973_Resiliencia_Familiar_-_Revisao_Teorica_conceitos_emergentes_e_principais_desafios?enrichId=rgreq-0dcd4d88-73b2-4460-87c9-d48ff0a841d0&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI2MjA1Nzk3MztBUzoxMDAwMzA3NzgxODM2ODhAMTQwMDg2MDYwNDkzNg%3D%3D&el=1_x_3 Acesso em: 28 de junho 2018.

MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Família e serviço social:** contribuições para o debate. Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n. 55, p. 114-130, abr, 1997.

MONASTERO, Leda Fleury. **Família e dependência química** – uma relação delicada. Dissertação de Mestrado. PUC SP, 2010. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15934 Acesso em: 24 de junho 2018.

PALMA, Roseane. **Resiliência familiar.** 2013. Disponível em: https://www.mundosemdor.com.br/resiliencia-familiar / Acesso em 05 de maio 2018.

PETRINI, João Carlos. Mudanças sociais e mudanças familiares. In: ____; CAVALCANTI, Vanessa R. S. (Orgs.). **Família, sociedade e subjetividade***:* uma perspectiva multidisciplinar. Petrópoles: Vozes, 2005, p. 29-53.

SILVA, Maria de Lourdes da., et al. **Alcoolismo:** um problema com o qual muitos convivem porém poucos conhecem. São Paulo: Edicon, 1986, p. 36-41.

RUTTER, M. (1987). **Psycho Social Resilience And Protective Mechanisms.** American Jornal of Orthopsychiatry. Vol. 57. Issue 3, pp. 316-331. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x. Acesso em 06 de maio 2018.

SOUSA, P. F., RIBEIRO, L. C. M., MELO, J. R. F., Maciel, S. C., & Oliveira, M. X. (2013). **Dependentes químicos em tratamento: um estudo sobre a motivação para mudança**. Temas em Psicologia, Vol. 21, n. 1, 2013, 259-268. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n1/v21n1a18.pdf. Acesso em 06 de maio de 2018.

ZERBETTO, S. R, GALERA, SAF, RUIZ, B. O. **Family resilience and chemical dependency**: perception of mental health professionals. Ver Bras Enferm [Internet]. 2017; 70 (6): 1184-90. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0476. Acesso em 26 de junho 2018.

WALSH, F. Family resilience: strengths forged through adversity. *In:* **Normal family processes**. London: The Guilford Press; 2012. p. 399-423.

WALSH, F. **Family Resilience: a frame work for clinical practice**. FamProcess [Internet]. 2003 [cited 2014 Oct 23]; 42(1): 1-18. Available from: http://www.celf.ucla.edu/2010_conference_articles/Walsh_2003.pdf. Acesso em 25 de junho 2018.

WALSH, F. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. Tradução de Magda França Lopes. São Paulo: Roca, 2005.

Artigo recebido em 23/09/2018
Aceito em 02/06/2019

Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

4 – CRIATIVIDADE, AFETO E PERTENCIMENTO A PARTIR DO AUDIOVISUAL

Priscila Peixinho Fiorindo*

INTRODUÇÃO

No contexto atual de ensino, em que o mundo das comunicações verbais, visuais, sonoras, ou todas acontecendo ao mesmo tempo, devido à geração "instantânea", possibilitada pelos novos recursos tecnológicos, a única certeza que temos é a permanente mudança das coisas. Nesse sentido, no processo ensino e aprendizagem, os estudantes, mais dinâmicos e envolvidos pelas novas tecnologias, utilizam sua força intelectual e criativa, juntamente com o docente, que deve incentivar a motivação dos alunos no processo da aprendizagem.

Paralelamente, observamos a crise, em que as relações humanas, ressaltando aqui professor/aluno, tornam-se fragilizadas, comprometendo o processo ensino-aprendizagem. Por esta razão, faz-se necessário, urgentemente, desenvolvermos formas criativas de ensinar e aprender para que o processo pedagógico ocorra de maneira efetiva, não só em relação ao conteúdo programático, mas também privilegiando o "ser" do educador e o "ser" de cada aluno. Nessa perspectiva, não basta, apenas, o professor "ter" o conhecimento teórico, mas é preciso "ser" para solucionar os impasses surgidos na aquisição dos conteúdos pelo aluno. E para tanto, só há um caminho – a Educ-Ação que deve ser lúdica e sensível, a fim de estimular o educando para que ele se torne sujeito de seu próprio dizer/fazer e tenha autonomia nas diversas situações cotidianas.

Então, aqui, apresento um recorte da minha trajetória acadêmica, especificamente relacionada ao Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/CNPq/UNEB) e ao Projeto de Pesquisa "Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo" (UNEB/GPLPI), nos quais atuo como coordenadora.

Ressaltamos que a universidade deve garantir o efetivo aprendizado, e, para que isto ocorra, são necessárias metodologias que não desprezem o contexto real dos alunos e os novos recursos tecnológicos, como, por exemplo, os textos fílmicos. Ao mesmo tempo, o docente deve ter competência humanista (ROGERS, 1961) para perceber seu entorno e participar dele enquanto mediador dos conteúdos, dos conflitos, ou seja, das relações ente docente e discente.

Nesse contexto, a fim de aprimorar as atividades de pesquisa, necessárias para a vida acadêmica dos graduandos e dos pós-graduandos, criei o Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/CNPq/UNEB), composto por alunos da graduação em Letras e da pós-graduação. O referido Grupo de Pesquisa funciona semanalmente, no período de 1h30min, onde estudamos sobre as interdisciplinaridades relacionadas às práticas pedagógicas criativas, a fim de despertar o interesse dos graduandos, dos mestrandos e dos alunos da educação

* **Priscila Peixinho Fiorindo –** Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRASUNEBDCH – V. Líder do Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo.

básica, para um aprender com emoção!

Antes de apresentarmos as atividades desenvolvidas como a estilização e o audiovisual no GPLPI, abordamos sobre a criatividade, afeto e pertencimento, considerados, aqui, pilares para o efetivo aprendizado.

CRIATIVIDADE, AFETO E PERTENCIMENTO NO ENSINO

Considerando o contexto da atualidade, no processo do ensinar, partimos do pressuposto que os docentes precisam ser criativos para que o ensino se torne mais interessante, não só para os alunos, mas, também para os professores. Nesse sentido, ressaltamos a criatividade, além do afeto e do pertencimento, como pilares no processo ensino e aprendizagem.

Maslow (1979), na perspectiva humanista, ressalta que a criatividade e/ou as experiências criativas, artísticas, fazem parte de um processo de individuação e de crescimento pessoal. Portanto, todos os seres humanos têm a capacidade de desenvolverem a criatividade que contribui para a qualidade de vida, na medida em que amplia a percepção e visão de mundo.

E na concepção de Carvalho (1995, p. 60-61),

> uma vida plena e saudável é uma vida criativa e o viver artístico não é algo extraordinário, restrito a algumas pessoas socialmente reconhecidas como artistas, mas um aspecto intrínseco da humanidade [...].

Acrescenta ainda que

> a criatividade e a sensibilidade são inatas ao ser humano e que podem ser desenvolvidas nas vivências e encontros que a vida proporciona [...]

Portanto a CRI-AÇÃO revela o potencial de movimento constante da vida, onde os seres humanos devem estar “agindo” a fim de alcançar seus objetivos na busca de um sentido maior para viver. E para tanto, nos apoiamos nas palavras proferidas, em uma palestra, pelo líder espiritual indiano, Sri Sri Ravi Shankar (2014),

> A criatividade traz um novo começo para “tempo”. Quando você é criativo, você quebra a monotonia do tempo e tudo se torna estimulante e vivo, trazendo, também, um novo ciclo de entusiasmo. A criatividade e o impulso procriativo da natureza estão associados ao entusiasmo. Quando você é entusiasta, você está mais próximo do princípio criativo da existência. Profundo silêncio é o pai da criatividade. Nenhuma criatividade brota de alguém que é muito ocupado, preocupado, super ambicioso ou letárgico.

Paralelamente à criatividade, observando o comportamento dos estudantes, na graduação, na pós-graduação e na educação básica, constatamos que os sujeitos só fazem o que realmente gostam de fazer, ou seja, eles fazem aquilo que conhecem, ou o que lhes foi ensinado e que tenha um sentido para eles. Diante do exposto, nos apoiamos na seguinte ideia – “SE FAZ SENTIR, FAZ SENTIDO!”. Logo, para que o ensino tenha um sentido para o aprendiz, este deve ser afetado, ser emocionado, ser sentido...

Nesta vertente, embora sejamos seres racionais, devido ao desenvolvimento do intelecto, o que determinam nossas escolhas são as emoções e os sentimentos. Dessa forma, se os alunos forem atingidos, o sentido é estabelecido e o gosto pelo “aprender” pode ser cultivado, pois todo ser humano tem o direito de ser preparado para elaborar pensamentos autônomos e críticos. E o ensino tem como papel essencial, a partir das práticas de leitura, escrita, diálogos, entre as diversas atividades, mediadas pelo professor, tornar possível esta autonomia na aprendizagem.

De acordo com a teoria de Wallon (2008), centrada na afetividade, as emoções são essenciais para a sobrevivência humana já que desde os primeiros anos de vida, um indivíduo as utiliza para comunicar suas necessidades.

Enquanto as emoções são expressões afetivas ocasionadas por um fato inesperado e que reagem no corpo humano de diferentes formas – como a alteração dos batimentos cardíaco, sudorese, mudança na cor da face entre outras anifestações; os sentimentos são duradouros e não acompanham reações

[1] Relato sobre a criatividade disponível https://sabedoriadesrisri.wordpress.com/tag/criatividade/ Acesso15/05/2019

orgânicas tão intensas (FIORINDO e WENDELL, 2017). Tanto os sentimentos quanto as emoções são importantes elementos do desenvolvimento psíquico, pois estão presentes em todos os momentos da vida e são necessários para a construção de vínculos sociais e, principalmente, para os vínculos entre docente e discente.

A partir da empatia estabelecida entre professor e aluno, além dos conteúdos adequados à realidade dos aprendizes, torna-se possível atingirmos êxito no ensino. Isto porque os alunos passam a fazer parte do universo escolar, na educação básica, e ao mundo acadêmico, na graduação e pós-graduação, conhecendo-os como espaços necessários ao desenvolvimento biospicosssocial.

O AUDIOVISUAL E O ENSINO

Conforme mencionado, para uma aprendizagem mais significativa são necessárias metodologias que levemem conta, além da interdisciplinaridade, recursos de ordem mais prática e lúdica, tais como materiais audiovisuais, criados a partir de contextos específicos. E para tanto nos apoiamos na ideia de que,

> A linguagem audiovisual resulta da combinação de duas linguagens: a linguagem visual e a linguagem sonora. Essa conceituação do audiovisual começou a ser aplicada em 1930, nos Estados Unidos, para referir-se aos meios de comunicação que se dirigiam simultaneamente aos sentidos visual e auditivo, e é utilizada até os dias de hoje (TAÚ, 2011, p.80).

Moran (1995) sugere o material audiovisual como sensibilização, ilustração, simulação, conteúdo de ensino e vídeo. Em todas as possibilidades, o autor destaca o quanto o recurso pode ser bem usado na escola seja para aprofundar ou exemplificar um assunto, para simular uma experiência, seja para despertar a curiosidade e a motivação.

Levando em conta a diversidade tecnológica das últimas décadas, o filme tem se mostrado um grande aliado do professor como material pedagógico, uma das razões é que tal tecnologia favorece a contextualização das diversas aprendizagens, considerando os vários aspectos de formação do aluno (CALDAS, 2015). Além disso, o filme pode ser considerado uma excelente ferramenta de potencialização das propostas de educação exploradas na escola e na universidade.

De acordo com Amaral e Nakashima (2006), usar a linguagem audiovisual como influenciadora de sentido é importante no processo educativo, pois com base na abordagem interacionista, as estruturas cognitivas se ativam por meio de motivações de cunho afetivo, geradas através do poder persuasivo que esse tipo de linguagem carrega.

Nessa perspectiva, o ensino que tenha como fundamento uma abordagem mais criativa contribui para formação do protagonismo estudantil. Segundo Cruz, Gama & Souza (2006), o texto fílmico atua na escola como um recurso lúdico e extremante sedutor, atraindo a atenção dos alunos, os envolvendo na realização das tarefas, sendo assim, o uso de material audiovisual se torna uma ferramenta relevante no processo de aprendizagem, conforme visualizamos a seguir:

Figura 1 – Animação *A Ponte*

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=0rzP9AXruE0

Além disso, esse tipo de material pode ser eficiente para a realização de um trabalho voltado, também, para a ativação do conhecimento, pois, segundo Aumont (1993), para que o espectador, especificamente o estudante, compreenda determinadas exposições fílmicas ele precisa utilizar mecanismos que anteriormente internalizou a respeito da linguagem.

A partir dos estudos e das discussões estabelecidas no GPLPI/UNEB, elaboramos

[2] Animação *A Ponte* disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0rzP9AXruE0 Acesso 15/03/2019

o Projeto “Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo” (UNEB/ GPLPI), que tem por finalidade estilizar narrativas dos contos de fadas, ou seja, fazer algumas alterações no texto fonte que não comprometem o sentido original da narrativa (SANT´ANNA,2000).

Depois da produção fílmica, os membros do GPLPI aplicam a nova história nas turmas do Ensino Fundamental I e II de escolas públicas, a fim de observar os aspectos cognitivos dos escolares a partir dos relatos orais e escritos produzidos por eles.

ESTILIZAÇÃO FÍLMICA E VERBAL

De acordo com Sant´anna (2000), a estilização é parte de um tríplice, onde juntamente com a paródia e a paráfrase formam estilos de modificações de textos, levando em consideração cada uma de suas especificidades. Quando nos referimos à paráfrase observamos um desvio mínimo no texto; já a paródia se caracteriza por um desvio total de seu texto original e, na estilização ocorrem alterações que não afetam o sentido original do texto fonte. Neste sentido, conforme o autor, podemos dizer que “a paródia *deforma*, a paráfrase *conforma* e a estilização *reforma*” (SANT`ANNA, 2000, p.41).

Assim, a nova narrativa, intitulada como “Aline no Bosque Encantado” (MELO, FIORINDO e SACRAMENTO, 2017) trata-se da estilização da história de “Alice no País das Maravilhas” (CARROLL, 2002), adaptado ao contexto do aluno, aproximando-o de sua própria realidade, devido às alterações – a substituição da personagem “Alice”, uma garota branca, por “Aline”, uma garota negra, e a substituição de guloseimas por alimentos saudáveis, conforme visualizamos a seguir:

Figura 2- Cena do filme curto estilizado *Aline no Bosque Encantado*

Fonte: Acervo pessoal

[3]Filme curto disponível em https://www.youtube.com/watch?v=dnCt1eQ02cM Acesso 09/05/2019

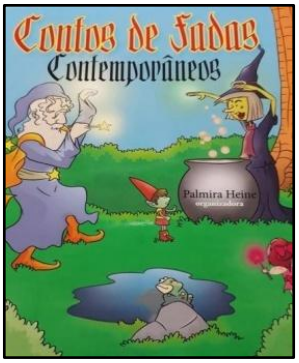
Ao aproximar o aluno de sua realidade, ele torna-se sujeito social e se reconhece como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, neste aspecto ele passa a reconhecer sua identidade. Conforme Moita Lopes (2002), as identidades sociais surgem a partir da interação entre os sujeitos, no momento em que esses agem em práticas discursivas. Neste sentido, a partir dessa ideia de identidade, é possível criarmos um vínculo entre os estudantes e o texto fílmico, como a representação da protagonista Aline. Nessa perspectiva, segundo Castro (2015, p.39):

> Entende-se que é através do pertencimento que os alunos podem legitimar suas identidades em seus diferentes contextos de convivência, sobretudo, na escola. Pertencer significa partilhar características, vivências e experiências com outros membros das comunidades de pertencimento, desenvolvendo sentimento de pertença.

Ao se sentir pertencente à instituição de ensino, o aprendiz passa a perceber a relevância dos diversos conteúdos que são abordados durante as aulas. E tais conteúdos, são apresentados, na maioria das vezes, por meio de textos escritos, orais, imagéticos, fílmicos, sonoros e/ou audiovisuais.

Paralelamente ao filme curto produzido, o GPLPI participou de um Edital para publicar a narrativa estilizada – “Aline no Bosque Encantado” (MELO, FIORINDO e SACRAMENTO, 2017) em uma coletânea da Editora Darda – “Contos de fadas contemporâneos”, organizado pela Prof.ª Dr.ª Palmira Heine (2017), conforme visualizamos a seguir:

Figura 3– Capa do livro *Contos de fadas contemporâneos*



Fonte: Acervo pessoal

As produções da narrativa estilizada em texto[4] verbal fílmico, produzidas pelos integrantes do Projeto de Pesquisa (GPLPI/CNPq / UNEB), contribuíram para o desenvolvimento das habilidades orais e escritas intertextuais dos alunos da graduação (UNEB), da pós-graduação (PROFLETRAS/UNEB) e dos escolares do Ensino Fundamental e da Escola Municipal Antônio Fraga, em Santo Antônio de Jesus – BA, onde o projeto foi aplicado no 2º semestre de 2017, conforme observamos nas **Figuras 4** e **5**:

Figura 4– Integrantes do GPLPI na escola

Fonte: Acervo pessoal

Figura 5 – Alunos da Escola Antônio Fraga em atividade do Projeto

Fonte: Acervo pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da visualização das cenas no filme curto, o espectador/leitor é convidado a interagir com as imagens, palavras, sons que se misturam e se complementam mutuamente constituindo um grande mosaico semiótico. Dessa forma a leitura dos elementos visuais, sonoros e verbais contribuem para os letramentos, incentivando a leitura sob as diferentes perspectivas, que podem ser mediadas pelo docente.

Nessa perspectiva, o estudante entrega sua imaginação, revela seu potencial criativo e descobre que é capaz de compreender o (s) sentido (s) do texto imagético, verbal, sonoro e/ou audiovisual.

Então, ensinar a gostar de ler imagens, sons, ou ambos ao mesmo tempo, é transformar a leitura numa atividade livre, pois tudo que se faz por obrigação tende a ficar chato, embora o hábito da leitura exija disciplina, esforço individual e persistência. Ao mesmo tempo, na aquisição de novos conhecimentos, por meio da leitura, é possível o sujeito produzir textos, ou seja, sendo um bom leitor, será também um bom produtor textual. Portanto, a leitura de imagens em movimento, ou do texto escrito, estimula a ampliação dos conhecimentos dos graduandos, dos pós-graduandos e dos escolares para a produção de textos verbais, imagéticos, sonoros.

As experiências no Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB) e no Projeto "Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo" (UNEB) têm revelado que a aprendizagem é inter/transdisciplinar, na medida em que o aprendiz compreende, também, os benefícios da alimentação saudável a partir da produção intertextual – estilização.

Paralelamente, o mesmo conteúdo – narrativa estilizada, que foi discutida, elaborada, na universidade foi aplicada na escola, adequando às idades dos escolares, contribuindo para a aproximação do educando ao seu contexto real de ensino, que contribui para o pertencimento e autonomia por meio da aprendizagem significativa. Assim, o aprendiz que lê tem sua história, que influencia a leitura que faz dos textos, do mundo, e gradativamente ele vai construindo e organizando seu discurso interior, produzindo e escrevendo a própria história.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sérgio Ferreira do; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz. **A linguagem audiovisual da lousa digital interativa no contexto educacional.** ETD – educação temática digital, Campinas, v.8, n.1, p. 33-48, dez. 2006 – ISSN: 1676-2592.

[4]Adotamos o conceito de texto como qualquer mensagem, veiculada por diferentes meios comunicativos, que tenha um sentido para o leitor/espectador.

AUMONT, Jaques. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas – SP: Papirus,1993.

CALDAS, Nancy Santos. **Narrativas orais: dos filmes animados aos enredos criativos na escola**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. *Campus* V. 2015. 122 f.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas.** Adaptação: Edy Lima. São Paulo: Scipione, 2010.

CARVALHO, Maria Margarida, M. J. **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas: Editorial Psy II. 1995.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno – identidade e pertencimento: perspectivas etnográficas.** Campina Grande: EDUEPB, 2015.

CRUZ, Maria de Lourdes Otero Brado; SOUZA, Ângela Patrícia Felipe GAMA; Fábio Marques de SOUZA. **O cinema no aperfeiçoamento das competências de línguas (materna e estrangeira).** In: Prógrad UNESP (Org.).

FIORINDO, Priscila Peixinho e WENDELL, Ney. Teatralizando a literatura: ludicidade com afeto e criatividade em sala de aula. **Ensino de literatura: o passaporte para um mundo de possibilidades. Revista Pandora Brasil** - Edição nº 85 - ISSN 2175-3318. Agosto de 2017. http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/passaporte_85/priscila.pdf Acesso 30/05/2019.

MASLOW, Abraham. Defesa e Desenvolvimento. IN MILLON, T. **Teorias de Psicopatologia e Personalidade**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação e Educação**, vol. 1, nº 2, São Paulo, 1995.

MELO, Ítalo Leite; FIORINDO, Priscila Peixinho e SACRAMENTO, Welder F. do. **Aline no bosque encantado**. In Contos de fadas contemporâneos. Palmira Heine (org.). Rio de Janeiro: Darda Editora, 2017.

MELO, Ítalo Leite; FIORINDO, Priscila Peixinho e SACRAMENTO, Welder F. do. Filme **Aline no bosque encantado**. https://www.youtube.com/watch?v=dnCt1eQ02cM Acesso 03/056/2019.

ROGERS, Carl. **Tornar-se Pessoa**. Lisboa: Moraes Editores, 1961.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & CIA.** São Paulo: Ática, 1991.

TAÚ, Ana Cláudia. **Tecnologia, educação e aprendizagem: caderno pedagógico.** Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Tradução Gelntil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2008.

Artigo recebido em 24/06/2019
Aceito em 30/06/2019

Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

5 – OS EFEITOS DA AYAHUASCA NA GLÂNDULA PINEAL PARA A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA[1]

Josane Duarte Lobo*

RESUMO

O uso da Ayahuasca tem se expandido além da cultura indígena e vem sendo utilizada em alguns movimentos religiosos sincréticos. Este estudo tem como objetivo verificar se o uso do chá Ayahuasca favorece a ação da glândula pineal na expansão da consciência nos aspectos físicos, psíquicos e espirituais. Para tanto, foram discutidos e analisados os conceitos sobre as plantas de poder que compõe o chá Ayahuasca, a glândula pineal e a expansão da consciência. A abordagem utilizada neste estudo foi a Transdisciplinar. Com base no estudo realizado, concluiu-se que o chá Ayahuasca, traz efeitos físicos, psicológicos e espirituais para quem o ingere. Auxilia os estados depressivos e o combate à dependência química e ao alcoolismo dentro de um contexto religioso. Ficou comprovado também, que a capacidade de se atingir estados alterados de consciência através do uso da Ayahuasca, são comparáveis e talvez mais profundos que os estados meditativos. Constatou-se que o principal elemento, que compõe este chá, é a DMT que impulsiona as alterações de estado de consciência fazendo emergir o autoconhecimento, melhorando as relações interpessoais. Por meio dos resultados desta pesquisa, concluiu-se que a experiência com a Ayahuasca, através da glândula pineal, pode fazer emergir um primeiro *flash* de contato com a consciência atemporal e infinita e trazer consigo a autotranscendência e expansão da consciência.

Palavras chaves: Ayhuasca; glândula pineal; expansão da consciência.

1 INTRODUÇÃO

Meu caminho de autoconhecimento se iniciou aos 12 anos de idade, quando decidi não seguir o catolicismo por não concordar com seus exigidos rituais e busquei conhecer, ao menos, algumas religiões do mundo e suas orientações, com o objetivo de obter uma direção no meu caminho espiritual. Li desde os Upanishads, que são textos de natureza religiosa e filosóficados hindus, até a Torá que constitui o texto central do judaísmo tradicional.

Quando cheguei à Unipaz, pelo caminho

[1] Artigo científico exigido como trabalho de conclusão do curso de Formação Holística de Base – FHB, Universidade Internacional da Paz – Unipaz Poços de Caldas, Minas Gerais. Orientadora: Débora Oliveira Diogo. Conclusão no ano de 2017.

*** Josane Duarte Lobo –** Graduada em Ciências Biológicas pela Fundação Educacional de Machado/MG e como Consultora Ambiental, pela Universidade Federal de Lavras. Pós-graduada em Transdisciplinaridade, Educação e Desenvolvimento Humano pela Universidade Internacional da Paz de São Paulo. Atualmente desenvolve trabalhos nas áreas de artes plásticas, paisagismo e como terapeuta de medicinas alternativas.

do autoconhecimento, o qual eu já percorria havia muitos anos, deparei com a possibilidade de investigar alguns de meus questionamentos relacionados à evolução do espírito. Iniciei, em fevereiro de 2016 a Formação Holística de Base, na unidade de Poços de Caldas/MG, ligada à Unipaz São Paulo. A partir de então fui tomando contato com diversos conhecimentos, abordagens, passando por vivências profundas. A Transdisciplinaridade[2], apresentada nos seminários do curso, multiplicou minhas intrigas. O tema Educação sempre me atraiu. No entanto, conforme os seminários foram se apresentando, meu interesse sofreu mudanças.

O seminário "Ciência e Espiritualidade", apresentado pelo facilitador Taunay Daniel,[3] despertou em mim a necessidade de integrar estes dois conceitos, fato que para mim seria incoerente, até então. Taunay salientou: "Temos que ser subversivos no sentido de termos consciência". Ciência com consciência seria a integração entre a ciência e a espiritualidade, foi o que pude concluir.

De acordo com Morin (2007),

> [...] há poucos anos, a ciência, era essa enorme instituição burocratizada, que resistia ao mínimo questionamento, rejeitava com violência e desprezava como "não científico" tudo o que não correspondia ao modelo. No entanto, a Transdisciplinaridade trouxe uma certa "indisciplina" ao modelo e assim, as alternativas clássicas foram superadas. A nova ciência supõe que o objeto não deve ser somente adequado à ciência, mas a ciência deve também ser adequada ao seu objeto. (MORIN, 2007, p. 51)

Os meus questionamentos, conforme a caminhada no curso, foram para o campo da cura num sentido mais amplo, como por exemplo, uma cura que traga maior inteireza e presença para o ser humano, relacionada à inteireza que Pierre Weil (2011) traduz na Roda da Arte de Viver em Paz. Nessa roda o autor apresenta as três ecologias como consciências interdependentes: a paz consigo mesmo, com o outro e com a natureza. No centro da roda encontra-se a consciência do próprio universo, ou o universo autoconsciente. Esta consciência, oposta ao automatismo e à normose[4] (CREMA, 2009), traz a possibilidade de sair do sofrimento que tem como fonte e causa última, a ilusão da separatividade ou dualidade. Weil (2011) lembra que as tradições ocidentais e orientais sugerem o recolhimento no silêncio acompanhado de meditação como práxis que poderia levar o indivíduo a sair da ilusão da dualidade e, consequentemente, manter o estado de presença e de paz. Portanto, a meditação traz para o praticante um estado alterado de consciência que leva paulatinamente à libertação da ilusão da separatividade, conforme os autores.

Pratiquei yoga e meditação e também tive experiências em rituais religiosos com uso da Ayahuasca, quando obtive uma autopercepção e uma clara consciência de fazer parte de um todo maior. Desde minha adolescência eu já me interessava pelo assunto, por meio da leitura de autores relacionados ao tema, como Carlos Castaneda com sua obra, a "Erva do Diabo"[5], do ano de 1968. Essas informações, aliadas a uma paixão pela natureza e pelas plantas medicinais, nortearam meu percurso acadêmico, quando me graduei em Ciências Biológicas, especializando-me em consultoria ambiental e recuperação de áreas degradadas. Participei de cursos de medicina alternativa, como o método Grabovoi[6] de regeneração celular, homeostase quântica informacional, medicina ayurveda, entre outros. Revisitando o caminho percorrido, percebi a cura em cada passo: a cura do meio ambiente, a cura da terra, das águas,

---

[2] Metodologia que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU, 1996, p.2).

[3] Taunay Magalhães Daniel é Doutor e Mestre em Multimeios, Especialista em Epistemologia da Ciência, Bacharel em Filosofia. Atualmente é diretor, roteirista e produtor de documentários em cinema e vídeo para Educação, Cultura e Divulgação Científica. Ministra cursos livres de epistemologia da Ciência. Fonte: DANIEL, Taunay Magalhães Currículo do sistema currículo Lattes. [Brasília], 13 mai. 2009. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/5527005215344519>. Acesso em: 15 nov. 2017.

[4] Patologia da normalidade discutida por Jean Yves Leloup, Pierre Weill e Roberto Crema. Uma anomalia da mediocridade, conformada de atitudes habituais e patogênicas suportadas num alienado consenso social. (CREMA, 2009).

[5] Obra na qual o autor descreve suas experiências com um xamã que o introduziu nos rituais xamânicos.

[6] Grigori Grabovoi é um médium, numerólogo, matemático e ocultista russo que desenvolveu método de cura através de sequências numéricas e símbolos (GRABOVOI, 2015).

do ser humano e de mim mesma. Uma cura cada vez mais profunda. E o nível mais profundo de cura seria a possibilidade de um encontro com a realidade e de fato ser a consciência que Eu Sou[7]. Surgiram assim alguns questionamentos referentes aos efeitos das plantas, consideradas sagradas pelas tradições, como por exemplo, se elas podem auxiliar a conscientizar um senso ampliado de identidade, de consciência, e superar o hábito mental de acreditar ser um ser separado do Todo.

A partir de meu olhar como bióloga, outro aspecto dessas plantas chamou a minha atenção: como ocorreria o processo biológico e fisiológico da sua atuação? O fascínio pelo assunto me levou ao encontro dos estudos de Strassman (2001)[8], que constatou que a glândula pineal e a dimetiltriptamina[9] tinham papéis especiais no processo que ocorre aos usuários durante os rituais com a Ayahuasca (STRASSMAN, 2001).

À medida que o curso foi chegando ao final e com o desafio da produção de uma pesquisa acadêmica para esse artigo, decidi pelo tema do uso de plantas sagradas. De fato, o tema que pretendo desenvolver nesta pesquisa, refere-se à ação do chá Ayahuasca[10] sobre a expansão da consciência do ser humano. A abordagem transdisciplinar, possibilita uma abertura para a integração entre ciência e espiritualidade, sendo, portanto, a abordagem indicada para esse tema.

Para Goswami (2010), a consciência que escolhe e causa o colapso da onda de possibilidades não é a consciência individual do observador. Segundo o autor, o observador não causa o colapso em um estado de consciência normal, mas em um estado de consciência anormal, no qual ele é parte da consciência cósmica. E para ele é neste estado anormal que criamos a nossa realidade. Taunay, durante o seminário na Unipaz, referiu-se ao estado meditativo, como sendo o estado em que um indivíduo se contata com o cosmo e o denominou de mente do Criador.

Segundo Strassman (2001), o estado meditativo pode ser alcançado através de técnicas de meditação entoando palavras “sagradas”[11], utilizando imagens visuais ou praticando exercícios mentais. Estas técnicas podem gerar padrões de ondas que produzem uma ressonância, gerando campos no cérebro, inclusive na glândula pineal. Estes campos provocam múltiplos sistemas que pulsam e vibram em certas frequências que enfraquecem e diminuem as barreiras de formação da DMT. O resultado final é uma onda psicodélica da DMT endógena[12], resultando em estados subjetivos de consciência mística. Esta mesma experiência ocorre quando a DMT é ingerida, como componente das plantas sagradas[13], mais especificamente, do chá denominado Ayahuasca ou Hoasca, elaborado basicamente com duas plantas: a chacrona e o cipó de mariri – tratadas nesse artigo.

No século XVII, o filósofo Descartes (1996) afirmou ser a glândula pineal, a “sede da alma”: o ponto da união substancial entre corpo e alma – um órgão com funções transcendentes. Além de Descartes, Cyril Hoskins, escritor inglês e lama tibetano com o pseudônimo de Lobsang Rampa (1975), dentre outros, dedicaram-se ao estudo deste órgão e sua ligação com o espírito. Um fator que provocaria a “petrificação” desta glândula seria o gradual desaparecimento da espiritualidade e do aumento da materialidade humanas, segundo Rampa.

Mediante o contato com os conhecimentos sobre a expansão da consciência, estados meditativos, plantas sagradas e sobre a glândula pineal ainda superficiais, surgiu meu interesse em aprofundar os estudos sobre a Ayahuasca e seus efeitos na expansão da consciência humana, especificamente no que se refere a

---

[7] Plena atividade de Deus. Eu Sou Deus em ação (CLAUSSEN, 2007).

[8] Médico especializado em psiquiatria e doutorado em psicofarmacologia. Strassman estudou a fundo os efeitos das drogas enteógenas e alucinógenos. (STRASSMAN, 2001)

[9] Abreviatura – DMT –Substância alcaloide pertencente ao grupo das triptaminas, assim como a serotonina e melatonina (STRASSMAN, 2001).

[10] Da língua indígena quéchua, *aya* que significa 'morto, defunto, espírito', e *waska*, significa cipó, podendo ser traduzido como "cipó do morto" ou "cipó do espírito" (BOIS-MARIAGE 2002).

[11] Destaque do autor

[12] Produzida internamente.

[13] Plantas sagradas ou enteógenas são plantas usadas para alterar o estado de consciência com o objetivo de contatar o divino, o sagrado no interior do homem.

seus efeitos sobre a glândula pineal, através de meu olhar científico de bióloga graduada e amante da Botânica, e também sob o olhar místico de quem deseja a evolução do espírito.

Souza (2011) relata que a União do Vegetal[14] trabalha pela evolução do ser humano no sentido do aprimoramento de suas virtudes morais, intelectuais e espirituais. Cita também que o uso em ritual religioso do chá sagrado, referindo-se a Ayahuasca, tem o objetivo de concentração mental. O uso ritualístico deste chá, para o autor, de alguma maneira, orienta o indivíduo em sua conduta pessoal e nas relações com o próximo, na sociedade.

Neste sentido, o tema da pesquisa se torna relevante para a Cultura de Paz, considerando que esta pesquisa pode trazer uma contribuição para os indivíduos quanto ao uso da Ayahuasca e de como ela age nos níveis físico, mental e espiritual. E, como consequência, a possibilidade deste uso despertar a autoconsciência, fato que favoreceria uma maior constância no estado de Presença e consequente evolução das relações e da humanidade como um todo.

Portanto, conforme apontam os autores e diante da premente necessidade da abertura dos níveis de consciência sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a natureza, que possa proporcionar a inteireza de um ser humano mais amoroso e coerente, trago para a pesquisa o seguinte questionamento: o uso do chá Ayahuasca favorece a ação da glândula pineal na expansão da consciência nos aspectos físicos, psíquicos e espirituais? A partir deste questionamento, esta pesquisa tem os seguintes objetivos: conhecer os efeitos físicos, psíquicos e espirituais das plantas que constituem a Ayahuasca nas funções da glândula pineal, favorecendo a expansão da consciência; apresentar a Ayahuasca, seus componentes químicos e seus efeitos físicos, psíquicos e espirituais; analisar a glândula pineal em seus aspectos fisiológico e espiritual; assinalar os conceitos referentes a expansão da consciência e discutir sobre os efeitos do chá Ayahuasca na ação da glândula pineal e consequente expansão da consciência.

Para a realização dessa pesquisa, utilizou-se a revisão bibliográfica sobre o tema a partir da abordagem transdisciplinar holística, como sua metodologia, pois, de acordo com Nicolescu (1996), possibilita alcançar a unificação do saber, numa busca de compreensão da complexidade do mundo real, através da articulação entre, além e através das disciplinas. Para Nicolescu (1996), a disciplinaridade, a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são como quatro flechas lançadas de um único arco: o conhecimento.

Torna-se imprescindível aprofundar o significado do termo transdisciplinaridade, já que o mesmo representa uma tentativa de sair da fragmentação em que se encontra o conhecimento humano. Para Weil, Crema e D'Ambrosio (1993), a crise da fragmentação começa por uma ilusão, que é a separação entre sujeito e objeto. Porém, antes desta ilusão, havia a não-separatividade conhecida desde o período pré-socrático, que invoca a relação entre o sujeito, o conhecimento e o objeto. Inclusive, para os autores, a física quântica reintroduziu o sujeito e trouxe novas possibilidades e novos níveis de realidade no processo de observação científica.

> [...] para um "sujeito" poder encontrar a "verdade" do "objeto", terá de ir além do raciocínio lógico e utilizar outras funções atualmente não aproveitadas e mesmo reprimidas pelo próprio racionalismo científico. (WEIL, CREMA, D'AMBROSIO, 1993, p. 38)

Ainda de acordo com Weil, Crema e D'Ambrosio, (1993), é impossível um cientista aprender a essência das tradições apenas por meios racionais. Por isso é preciso adotar uma abordagem holística onde ele passa por uma vivência transpessoal, que é geralmente resultado de um equilíbrio entre as quatro funções psíquicas – sensação, sentimento, razão e intuição; de um enfoque analítico e sintético e de uma mobilização das funções ligadas ao cérebro direito e esquerdo e da sua sinergia. A esta conjugação denominou-se

[14] Centro Espírita Beneficente União do Vegetal é uma religião de fundamentação cristã e reencarnacionista que usa em seu ritual o chá Hoasca (também conhecido como *ayahuasca*), preparado a partir de duas plantas amazônicas, o cipó Mariri e as folhas do arbusto Chacrona. Disponível em http://udv.org.br/a-uniao-do-vegetal, acesso em 14 nov. 2017.

"abordagem holística"[15].

> [...] o termo "holístico" é ligado por Smuts a uma força ou a um sistema energético; enquanto que o termo transdisciplinar, forjado por Jean Piaget, refere-se a disciplinas do conhecimento científico humano. (WEIL, CREMA, D´AMBROSIO, 1993, p. 39)

De acordo com Nicolescu (1996), a pesquisa disciplinar diz respeito a um mesmo nível de realidade, ao passo que a transdisciplinaridade se interessa pela dinâmica gerada pela ação de vários níveis de realidade. Embora a transdisciplinaridade não seja uma nova disciplina, ela alimenta-se da pesquisa disciplinar que, por sua vez, é iluminada de maneira nova pelo conhecimento transdisciplinar. Neste sentido, para o autor, as pesquisas disciplinares e transdisciplinares não são antagonistas, mas complementares.

Segundo Weil, Crema, D'Ambrosio (1993), a visão holística possibilita compreender o mundo, um espaço onde é possível uma interação entre ciência, filosofia, arte e tradições espirituais e, o que as torna interativas, é a transdisciplinaridade. A práxis da transdisciplinaridade implica se ter uma visão holística. Assim, a abordagem transdisciplinar holística, alicerçada em uma visão aberta de mundo com sua complexidade, comporta o inédito, bem como os diferentes níveis de realidade e a lógica do terceiro incluído, fazendo emergir um sentido humano, ético e sustentável para o bem de toda a Humanidade. Portanto a abordagem Transdisciplinar utilizada neste estudo foi a Transdisciplinar Holística, por possibilitar a análise dos estados de consciência e de sua possível expansão através do uso da Ayahuasca.

2 A AYAHUASCA: CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E SEUS EFEITOS FÍSICOS, PSÍQUICOS E ESPIRITUAIS

O hábito de utilizar plantas que alteram o estado de consciência é tão antigo quanto a própria civilização. No caso da ayahuasca, os primeiros registros envolvem as populações indígenas que habitaram a floresta amazônica, Andes, Venezuela, Colômbia, Equador e Peru, conforme Pires (2009) citado por Teles (2016).

Segundo Yritia et al (2002) e Carlini (2003), a partir da década de 2000, o uso da Ayahuasca tem se expandido além da cultura indígena e vem sendo utilizada em alguns movimentos sincréticos religiosos, que buscam um meio de facilitação do autoconhecimento e da introspecção. Dentre esses grupos, os que mais se destacam são: o Santo Daime, a União do Vegetal (UVD), citada anteriormente, e a Barquinha (LABATE, 2004). Essas comunidades religiosas foram criadas após o início do ciclo da borracha no ano de 1930, período de urbanização da região norte do Brasil e de grande interação entre seringueiros e indígenas de tribos xamânicas (CHAUÍ, 2000).

No Brasil, o uso religioso foi legitimado no ano de 1986, como afirma o parecer do Grupo de Trabalho do Conselho Federal de Entorpecentes – CONFEN. Segundo as investigações deste conselho sobre a Ayahuasca, essas religiões contribuem de maneira benéfica para a sociedade e são patrimônio cultural e histórico. O psiquiatra integrante do CONAD - Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas, que regulamentou o uso da bebida no Brasil, defende que ampliar a consciência não significa ter alucinação. Esses conceitos estão separados pela capacidade de reflexão (TELES, 2016).

Para Wasson (1970), citado por Roberts (2014), a Ayahuasca ou Hoasca é um chá obtido pela união de duas plantas enteógenas: chacrona *(Psychotriaviridis) e o cipó de mariri* (*Banisteriopsiscaapi).* A palavra enteógeno é um neologismo que vem do grego e significa literalmente manifestação interna do divino (WASSON, 1970). Este termo tem sido proposto desde o ano de 1963 por investigadores, como Wasson (1970), pesquisador amador sobre fungos (micologista). De acordo com Roberts (2014), o termo "enteógeno" foi introduzido na lista de novas palavras no dicionário Oxford de Inglês, desde setembro do ano de 2007, significando uma substância química, normalmente de origem vegetal, que é ingerida para produzir um estado de consci-

[15] Destaque da autora

ciência não ordinária, para fins religiosos ou espirituais. Portanto, plantas enteógenas não são consideradas drogas, no sentido de que não existe evidência de que estas plantas causem dependência química ou adicção. Inclusive, mesmo proponentes entusiásticos dos psicodélicos os usam com pouca frequência, devido à intensidade e a natureza das viagens (LYVERS, 2003).

Strassman (2001), médico especializado em psiquiatria e doutorado em Psicofarmacologia, investigou os efeitos das drogas enteógenas e os efeitos da molécula dimetiltriptamina, ou DMT, um poderoso enteógeno, disponível em muitas espécies vegetais, inclusive e especialmente no referido chá. A função da DMT nos seres humanos tem sido investigada por físicos, neuropatas, psiquiatras. Porém, cientistas como Strassman (2001), já sugeriram que a DMT é também produzida pela glândula pineal em situações especiais como nascimento, morte ou quase morte, psicoses ou experiências místicas. Sendo esta última situação uma possibilidade de expansão da consciência (STRASSMAN, 2001).

Segundo Strassman (2001), biosinteticamente, a dimetiltriptamina[16] está a dois passos do triptofano[17], que existe em todas as espécies animais e vegetais, mas não se sabe ainda qual o papel do DMT no organismo humano. Todos os organismos possuem o triptofano e todos os organismos têm as duas chaves enzimáticas que levam à síntese do DMT. Estas enzimas estão em todo lugar e são partes fundamentais do metabolismo. Os compostos secundários formados a partir da DMT são moléculas mensageiras. São a linguagem das plantas, ou seja, é o que as plantas utilizam para mediar sua relação com as outras espécies no ambiente (STRASSMAN, 2001, cap.2 p.1). No documentário DMT: A Molécula do Espírito, Hancock, escritor e Leanna Standish, física neuropata, questionam quanto ao propósito do DMT existir em todo lugar, podendo ser a base comum de uma linguagem molecular e a possibilidade de uma coevolução dos seres humanos com as plantas (DMT: A Molécula do Espírito, 2001).

Salientando, a Dimetiltriptamina ou DMT é uma substância encontrada em várias espécies animais e vegetais, inclusive na chacrona *(Psychotriaviridis)*, planta enteógena utilizada na elaboração do chá denominado Ayahuasca, ou Hoasca, ou ainda, Vegetal. Esta planta, acrescida do cipó de mariri (*Banisteriopsiscaapi)*, compõem o referido chá, utilizado como sacramento ritualístico nas Igrejas sincréticas União do Vegetal (UDV) e Santo Daime (DOERING-SILVEIRA et al., 2011).

Para Yritia et al. (2002), as propriedades psicoativas da Ayahuasca se devem principalmente à presença, nas folhas do arbusto *Psychotriaviridis*da *N*, *N*-dimetiltriptamina (DMT); bem como aos alcaloides beta-carbolínicos presentes no cipó *Banisteriopsiscaapi* principalmente harmina, harmalina e tetrahidroharmina (THH). Estes são potentes inibidores temporários da isoenzima monoaminoxidase (MAO) intestinal e hepática (McKENNA, 1984; 1998; CALLAWAY, 1996; 1999; 2005), todos com atividade no Sistema Nervoso Central. (McKENNA, 1998; CALLAWAY, 2005) A atividade farmacológica sobre o SNC só irá apresentar a propriedade de expansora da consciência, quando misturadas simultaneamente essas duas diferentes espécies vegetais (McKENNA, 1984; CALLAWAY, 1996; GROB et al., 1996, MCKENNA, 2004). Esta mistura propicia tamanho sinergismo das substâncias como resultado final do preparo que, quando associadas, são as que mais potencialmente catalisam a função de alterar os padrões normais sobre a mente humana (GROB et al., 1996; CALLAWAY, 1999).

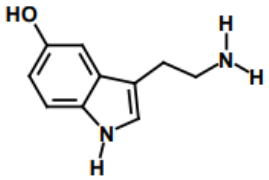
A serotonina (5-HT) é um dos principais neurotransmissores do sistema nervoso central. É sintetizada a partir do aminoácido essencial triptofano, e atua como regulador da função da musculatura lisa nos sistemas cardiovascular e gastrintestinal, na glândula pineal e nas plaquetas. Conforme Figura 1, pode-se observar a similaridade química entre a serotonina e a dimetiltriptamina. Devido a esta similaridade, sugere-se que a maioria das drogas psicodélicas atua competindo nos receptores (5-HT2) da serotonina (OLIVEIRA, PIRES, YONAMINE, 2010). Fisiologicamente é nesse processo

[16] Substância alcalóide pertencente ao grupo das triptaminas, assim como a serotonina e melatonina. Abreviatura - DMT (STRASSMAN, 2001).

[17] Aminoácido utilizado na biossíntese de proteínas. Essencial nos seres humanos, precursor da melatonina e da serotonina. Disponível em www.revista-fi.com/materias/420.pdf Acesso em 22 nov. 2017.

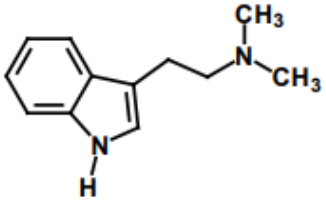
que ocorre a alteração de estado de consciência, após a ingestão de drogas psicodélicas.

Figura 1 – Serotonina (5 Hidroxitriptamina)



Fonte: Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada (2010)

Figura 2 – Dimetiltriptamina



Fonte: Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada (OLIVEIRA, PIRES, YONAMINE, 2010)

Em uma pesquisa conduzida por Riba et al. (2003) foram administradas cápsulas de Ayahuasca seca em oito voluntários com histórico prévio de uso de psicodélicos. Houve significantes efeitos subjetivos, com intensidade máxima alcançada entre 1,5 a 2 horas após a ingestão (RIBA et al, 2003). Os efeitos subjetivos observados na exposição à Ayahuasca podem ser exemplificados na área somática por náuseas, vômitos, tremores, tonturas, debilidade, contratura muscular, hiper-reflexia, dores generalizadas, taquicardia (OLIVEIRA, PIRES, YONAMINE, 2010; GROB, 1998).

Segundo Gable (2006), efeitos adversos à saúde podem ocorrer a partir do uso casual da Ayahuasca, sendo que a DMT pode induzir episódios psicóticos transitórios, que se resolvem espontaneamente em algumas horas. O autor afirma que, por outro lado, vem sendo registrados os benefícios psicológicos em longo prazo dentro de um uso contextualmente religioso, sendo que os usuários dedicados, com o tempo, perdem o interesse pelo álcool, tabaco, cocaína entre outras substâncias. (GABLE, 2006; McKENNA, 2004). Esta mudança de comportamento também foi assinalada por Grob et al. (1996) que realizaram pesquisas em adultos que faziam uso da Ayahuasca em contexto religioso (União do Vegetal), comparados com indivíduos que não usavam Ayahuasca (grupo controle). Os indivíduos que faziam uso do álcool anteriormente tiveram completa abstinência após a afiliação à União do Vegetal e apresentaram diminuição ou ausência de reações de raiva, agressão, ansiedade, ressentimento e alienação (OLIVEIRA, PIRES, YONAMINE, 2010).

Atualmente diversos centros de recuperação de toxicômanos utilizando Ayahuasca estão espalhados pelo mundo, como o Takiwasi, no Peru, a Fundación Mesa Verde, na Argentina e o Instituto Espiritual Chamánico Sol de la Nueva Aurora, no Uruguai. Em 2011 ocorreu o I Encontro Ayahuasca e o Tratamento da Dependência que reuniu psiquiatras, pacientes e familiares, terapeutas, pesquisadores, antropólogos e representantes dos diversos centros à luz de uma nova esperança de tratamento para a dependência. O evento focou na necessidade de pesquisas de cunho biopsicossocial para diversificar as políticas públicas no combate à dependência química (TELES, 2016).

Quanto aos efeitos psíquicos, Shanon (2003) verificou profundas e rápidas alterações dos estados emocionais: o indivíduo vai da depressão à euforia em poucos segundos. Pânico, apatia, alterações na memória e no pensamento, despersonalização e hipersugestabilidade, medo, insônia e sensação de morte iminente também podem ser observados. Já no plano perceptivo-sensorial, observou distorções de tempo e espaço, estranhas sensações corporais, alterações nas percepções de formas, cores, sons, sinestesias e alucinações com alterações auditivas, olfativas e visuais (SHANON, 2003). Para esse autor, as visualizações da Ayahuasca podem aparecer em diferentes formas. Elas podem diferir quanto à intensidade da percepção, estabilidade, extensão temporal e quanto ao impacto psicológico e/ou espiritual que vêm a ter nas pessoas. Estas visões variam segundo a atitude dos usuários diante delas. Quando as visualizações são complexas e é alto o grau de envolvimento, os bebedores podem colocar-se ativamente em interação com suas visões e desempenhar toda sorte de atos associados

a elas. Eles podem "passar para dentro"[18] da cena da visão, percorrê-la e/ou agir e interagir com objetos e criaturas que encontram (SHANNON, 2003).

A falta de visualizações ou de "mirações"[19] seria interpretada como ausência de "merecimento" espiritual do indivíduo durante as sessões. O vômito e a diarreia são encarados como um "merecimento" na limpeza do corpo e do espírito. Para os seguidores dessas religiões sincréticas, tais efeitos fisiológicos são interpretados como uma manifestação de que o "ser divino da floresta" - alusão ao chá de Ayahuasca - propiciaria ao usuário uma forma de limpeza gradual do corpo e do espírito. As impurezas da alma, nosso emocional mal resolvido e mesmo doenças físicas seriam expurgadas (LABATE et al. 2002; DE SOUZA, 2011). Esses sintomas físicos estão associados à "chegada da força"[20], expressão usada nas religiões sincréticas já citadas.

Hoffman, Hesselink e Barbosa (2001) analisaram as ondas cerebrais através de Eletroencefalograma durante meditação profunda e compararam com indivíduos que usaram Ayahuasca:

> [...] Ayahuasca parece induzir e expandir o estado hipnagógico ou estado crepuscular (correlacionado com um aumento de ondas theta) e ao mesmo tempo mantém o indivíduo desperto e consciente (correlacionado com um aumento de alfa). Essas mudanças EEG são exatamente as mesmas que durante a meditação profunda. Assim, em alguns aspectos, o estado alterado pela Ayahuasca é comparável à meditação e é bem concebível que a Ayahuasca facilite a meditação (HOFFMAN, HESSELINK, BARBOSA, 2001).

3 A GLÂNDULA PINEAL EM SEUS ASPECTOS FISIOLÓGICO E ESPIRITUAL

Sob o foco da ciência, anatômica e fisiologicamente, a glândula pineal, também conhecida como epífise neural, está localizada entre os dois hemisférios cerebrais, no ser humano, acima do aqueduto de Sylvius e abaixo do bordelete do corpo caloso, na parte anterior e superior dos coliculos superiores e na parte posterior do terceiro ventrículo, ou seja, próximo ao centro do cérebro, conforme a Figura 3. Para Junqueira &Carneiro (2004), apesar das funções desta glândula serem muito discutidas, parece não haver dúvidas quanto ao importante papel que ela exerce na regulação dos chamados ciclos circadianos, que são os ciclos vitais que regulam os ritmos biológicos, como o sono, atividades sexuais e de reprodução.(JUNQUEIRA; CARNEIRO, 2004).

Ainda a nível físico, segundo Strassmann (2001), a epífise cerebral é um órgão pequeno, não maior que a unha do dedo mínimo, em forma de pinha sendo a causa de seu nome. É uma glândula solitária, em contraponto a todos os outros órgãos do cérebro que são bilaterais. Possui acesso ao sistema límbico, pelo qual ela é envolvida. O sistema límbico é uma coleção de estruturas do cérebro ligadas intimamente as experiências de sentimentos como alegria, raiva, medo e prazer. A glândula pineal humana não é parte do cérebro. Antes disso, ela se desenvolve a partir de tecidos do céu da boca do feto. (STRASSMAN, 2001). O mesmo autor a denominou glândula do espírito, considerando que ela provavelmente produza a molécula do espírito – a n-n'dimetiltriptamina ou DMT.

Para Oliveira (2002), a glândula pineal não é só uma glândula endócrina, mas também um órgão sensorial, capaz de captar ondas do espectro magnético. A informação de que a pineal converte ondas eletromagnéticas em estímulos neuroquímicos foi comprovada nos estudos dos pesquisadores Semm, Schneider & Vollrath, publicados na revista Nature (OLIVEIRA, 2002; SEMM, SCHNEIDER & VOLLRATH, 1980).

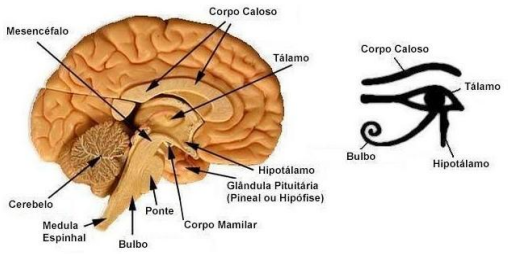
Segundo Oliveira (1997), a Epífise Cerebral tem função relacionada com a luz, não somente com a luz física, mas também com a luz divina. O ser humano vive em três dimensões e relaciona-se com a quarta, através do tempo. A pineal é a única estrutura do corpo que transpõe essa dimensão, que é capaz de captar

[18] Destaque do autor.
[19] Expressão usada nas religiões sincréticas já citadas. Significa visualizações durante a viagem.
[20] Expressão usada nas religiões sincréticas já citada

informações do campo eletromagnético, que estão além dessa dimensão nossa. É uma teoria que pode explicar a mediunidade, inclusive (SEMM & VOLLRATH, 1980 apud OLIVEIRA, 1997).

A máquina do raciocínio chamada cientificamente de Glândula Pineal ou Epífise, segundo Strassman (2001), teve várias denominações ao longo do tempo, sendo que, há pelo menos 2.000 anos, foi considerada por cientistas-místicos como Descartes (1996) como sendo a sede da alma (DESCARTES, 1996; STRASSMAN, 2001).

Figura 3: Localização da glândula Pineal



Fonte:http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos/autoconhecimento/o-terceiro-olho-a-glandula-pineal-32833.html

Por ter semelhança estrutural com o órgão visual, possuindo lentes, córnea e retina (Figura.4), a epífise cerebral é vista por certas correntes religioso-filosóficas como um terceiro olho (STRASSMAN, 2001, p.13). Os egípcios reverenciavam o símbolo do olho místico ou olho de Hórus. Os lamas tibetanos, por sua vez, reverenciavam a energia supranormal que se concentrava no centro do cérebro humano (XAVIER, 1945).

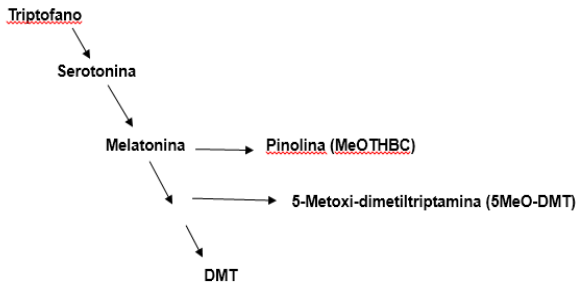
Figura 4: Comparação do olho de Horus com a glândula pineal.

Fonte: http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos/autoconhecimento/o-terceiro-olho-a-glandula-pineal-32833.html

Para Strassman (2001), a glândula pineal pode, hipoteticamente, produzir DMT (composto químico da Ayahuasca) em momentos extraordinários e situações extremas da vida humana. São eles: quando a força vital individual entra no corpo fetal, momento no qual o indivíduo se torna humano, acontece a primeira descarga de DMT; a seguir no nascimento, em momentos de meditação profunda, em experiências de quase morte (EQM), em psicoses e na experiência de morte. Para o autor, esta hipótese se sustenta, considerando que a pineal possui níveis altos de serotonina, melatonina e triptamina, enzimas necessárias para a produção de DMT. McIlhenny (2012), concluiu que seu estudo ilustrou a convincente evidência de que a DMT é endógena em humanos corroborando com a hipótese deste último autor.

Chia (2012), mestre do Taoísmo prático, também confirma as colocações de McIlheny (2012) e Strassman (2001).Através de experiências práticas e científicas da tecnologia da escuridão[21], ficou evidenciada a produção de DMT e 5 Metoxi-Dimetiltriptamina pela glândula pineal (CHIA, 2012). O processo se inicia com o triptofano, conforme a Figura 5.

Figura 5: Processo simplificado da síntese da DMT pela glândula pineal. O triptofano é o precursor da serotonina, melatonina, pinolina[22], 5-Metoxi-dimetiltriptamina[23] e dimetiltriptamina.



Fonte: Chia, 2012 p.4.

Para Chia (2012), quando o indivíduo é submetido à escuridão, a glândula pineal produz a DMT endógena que é acumulada

[21] Técnica de iluminação desenvolvida por Mantak Chia, mestre do Taoísmo prático (CHIA,2012).
[22] É uma beta-carbolina, hormônio neuromodulador, inibidor natural da Mono amina oxidase, sintetizada pela pineal. (MILLER, 2013)
[23] É uma substância psicoativa da família das triptaminas, sintetizada pela glândula pineal, que tem se mostrado ativadora do cérebro em 40%. (Atualmente nosso potencial máximo é 10%.) (CALLAWAY, 1994.)

no cérebro e como consequência, ocorre a experiência de nossa natureza real, da energia de amor e compaixão e de reconexão com o Divino TAO. Neste contexto místico, Strassman (2001) informa que, de acordo com as tradições judaicas, a consciência se move através dos sefiras ou centros cabalísticos de desenvolvimento espiritual, sendo que o mais alto deles é o Keter ou Crown. Já nas tradições orientais ayurvédicas, estes centros são chamados chacras, e o movimento das energias passa por eles. O chacra mais alto é também chamado crown ou lótus. Em ambas tradições, a localização deste sefira ou chacra é o centro e topo do crânio, anatomicamente corresponde ao local da glândula pineal humana. (STRASSMAN, 2001). Nas profecias de Nostradamus, são encontrados esclarecimentos da importância dessa glândula nos tempos atuais, considerando-a a antena mais fina e alta de nosso sistema nervoso central, a nossa central elétrica. É uma central dirigente do corpo como o capitão de um navio. Ocupa o centro de gravidade da massa cerebral e morfologicamente se apresenta como um vestígio de algum terceiro olho a surgir remotamente nos homens do futuro (CHEETHAM, 1977).

4 A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

Jung a denominou Experiência Numinosa[24] (JUNG, 2003apud STEIN, 1998), outros autores a denominaram estado de consciência ampliada, estado alterado de consciência, êxtase ou ainda experiência cósmica. (TAVARES, 2005). Jung (2003) cita, ainda, que o termo “religião” designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso, salientando a importância de um “diálogo”[25] constante entre a consciência superior e o ego, diálogo este que proporciona uma direção ao indivíduo que se torna consciente do seu processo de individuação (JUNG, 2003 apud STEIN, 1998).

Weil (2011) a denominou estado transpessoal. Este autor esclarece que quando o espírito se dá conta de que existe um observador que está por trás de tudo, dentro de cada um, este observador é a própria consciência. Para ele é a consciência que permiteao ser humano, ter um contato com a realidade. Além disso, ela tem o poder extraordinário deconectar as pessoascom verdades muito diferentes das percebidas no cotidiano, quando se entra em contato com outros estados, aparentemente individuais, de consciência.

Segundo Weil (2011), a consciência, que passa por vários estados, como de vigília e de sonho, nunca muda, mas percebe várias realidades diferentes. A realidade que se vive é diferente em cada estado de consciência onde se encontra o indivíduo. De acordo com esse autor, na tradição do Yoga, se conhecem quatro estados de consciência pelos quais passa o espírito, que são de vigília, sonho, sono profundo sem sonho e o estado de superconsciência[26] ou estado transpessoal[27]. Sem dúvida nenhuma, durante o estado de vigília, na realidade a pessoa está adormecida. Do estado de consciência da vigília ao transpessoal percebe-se um aumento gradativo de encontro com a paz. Especialmente, quem passa pelo estado de superconsciência vivencia uma profunda paz e adquire por experiência direta a verdade da “não-separatividade”[28], do Eu-individual e de um Eu-Maior. Quem está neste estado emite ondas delta, extremamente lentas. As mesmas do sono profundo, mas completamente desperto e consciente. Segundo Weil (2011), a escada da ascensão é composta de instintos, emoções, mente e consciência. Até o terceiro estágio, todos são escravos. Somente quando o indivíduo descobre que os pensamentos o dominam, ele começa a entrar no quarto estágio, o da plena consciência. (WEIL, 2011, p.71)

No que tange ao divino, ao sagrado ou outra denominação que se refira ao essencial

[24] Do latim *Numinosum* – Denota a consciência que está no fundamento da experiência do sagrado e, portanto a constituição do *mysteriumtremendum* que inspira veneração e temor (OTTO, 1985).
[25] Destaque da autora.
[26] Estado transpessoal de consciência, onde não há ego e quando desparecem todas as dualidades (WEIL, 2003).
[27] Tudo que se refere ao essencial, ao divino e sagrado da vida (WEIL, 2011).
[28] Último nível de manifestação da experiência transpessoal que são 3: Vacuidade, Energia e Luz e a Não-dualidade ou não-separatividade (WEIL, 2003).

da existência da vida, Weil (2011) reconhece ser um estado de consciência transpessoal. O autor afirma que para compreender esse estado de consciência é preciso sair doracional. Para tanto, apresenta, citando Maslow, que uma maneira de contornar a racionalidade é vivenciando uma experiência fronteiriça, limítrofe do transpessoal, denominada de experiência culminante[29]. No entanto, para sair do automatismo, despertar a plena consciência e assim chegar ao nível transpessoal, é preciso mudar de estado de consciência.

Estes estados: transpessoal, de superconsciência, e experiência da não separatividade podem, como já foi dito, ser alcançados através da meditação (WEIL, 2003), da utilização da DMT (STRASSMAN, 2001), contida na ayahuasca ou da "tecnologia da escuridão"[30]. O processo desta técnica ocorre em 12 dias, da seguinte maneira: nos 3 primeiros dias, a escuridão produz sucessivos estados superiores de divina consciência, correlacionando com a síntese e acumulação de substâncias químicas psicodélicas no cérebro. A melatonina, um hormônio regulador do sono, acalma o corpo e a mente, preparando para realidades sutis e penetrantes da consciência superior. Do terceiro ao quinto dia, a pinolina[31], afetando os neurotransmissores do cérebro, permite visões e estados de sono que emergem em nossa consciência desperta. Finalmente, do sexto ao décimo segundo dia, a glândula pineal sintetiza a "molécula do espírito"[32] a DMT, facilitando experiências transcendentais de amor universal e compaixão (CHIA, 2012).

Strassman (2001) visitou uma comunidade zen-budista, na época em que escreveu o livro, onde questionou alguns jovens monges americanos sobre o uso de drogas psicodélicas. A maioria respondeu que as drogas psicodélicas, especialmente o LSD[33], abriram, para eles, as portas de uma nova realidade, fato que os incentivou a entrar para o mosteiro, definitivamente. Ciente desta informação, Strassman, (2001) pesquisou como as drogas psicodélicas poderiam acelerar ou simplificar a obtenção de estados sublimes da mente, livre de "efeitos colaterais"[34] das práticas institucionais, tais como procedimentos ritualísticos e afastamento do mundo cotidiano, e se deparou com a DMT, a qual ele denominou a molécula do espírito.Para esse autor, é quase inconcebível que uma substância tão simples como a DMT possa prover acesso a tantas e variadas experiências, desde *insights* psicológicos a encontro com seres de outros planetas; desde um medo desprezível a uma quase insuportável felicidade; experiências de quase-morte e renascimento. Iluminação. Tudo isso, através deste natural e essencial neurotransmissor cerebral (STRASSMAN, 2001).

Para Spira (2015),um dos mestres da não-dualidade, os conceitos abstratos da mente não podem apreender a realidade. A mente é dual, polarizada em sujeito/objeto. Todas as tradições espirituais procuram por uma compreensão que não é intelectual. A consciência não é algo intelectual. Para experienciar a realidade e ser então a própria consciência, é preciso uma atitude contemplativa. O autor relata que há uns 100 anos, Paul Cezanne, um grande pintor, disse: "Haverá um tempo em que uma cenoura observada com clareza, de forma renovada, poderá despertar uma revolução" (SPIRA, 2015).Spira (2015) interpreta as palavras de Cezanne, afirmandoque a experiência do ser humano seria revolucionada se o mundo fosse visto da forma que é, sem as obstruções da mente e do corpo. Amor é o nome simples dado à experiência quando o "outro" não é mais experienciado como "outro"[35], quando a relação sujeito/objeto

[29] Experiência na qual o indivíduo, após relaxamento, entra em contato com um momento mais bonito de sua existência, revivendo-a como se fosse no presente (MASLOW, 1978)
[30] Técnica de iluminação desenvolvida por Mantak Chia, mestre do Taoísmo prático (CHIA,2012).
[31]Metoxy-tetrahydro-betacarbolina (MeOTHBC) inibidor da produção da enzima mono amine oxidase (MAO) (MILLER, 2013) A inibição da MAO, propicia a transformação da serotonina em DMT, na glândula pineal.
[32] Destaque do autor
[33]Sigla derivada da palavra alemã – Lysergsäurediethylamid. A dietilamida do ácido lisérgico é um produto semissintético do ácido Lisérgico- uma substância natural do fungo parasita do centeio que traz efeitos psicodélicos quando da sua ingestão. Foi introduzido na medicina nos anos 50 como tratamento psicoterapêutico. Nos anos 60 começou a ser usado para propósitos recreacionais eespirituais. (PASSIE et Al, 2008)
[34] Destaque do autor.
[35] Destaque do autor.

entra em colapso. É o reconhecimento de que não estamos separados e de que a consciência é una (SPIRA, 2008).

De acordo com Tavares (2005), a expansão da consciência começa com relaxamento físico e mental, no estado em que o nível de atividade cerebral se torna mais lento, propiciando a abertura da consciência. O indivíduo tem a sensação de flutuação e seu campo visual torna-se rico em cores. Alguns sinais físicos podem ocorrer como palidez, tremor intenso das pálpebras e mudança do tom de voz. A experiência de expansão de consciência possibilita ao indivíduo uma abertura ao potencial de inteligência e criação, e permite que o indivíduo se liberte de experiências limitadoras, dos medos, culpas, apegos, padrões e preconceitos, propiciando uma verdadeira cura nos aspectos físico, mental, emocional e espiritual (TAVARES, 2005).

5 OS EFEITOS DO CHÁ AYAHUASCA NA AÇÃO DA GLÂNDULA PINEAL E A CONSEQUENTE EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

No início de suas pesquisas no Novo México, Strassman (2001) concluiu que as substâncias psicodélicas podiam sim induzir estados similares a experiências místicas, porém não tinham o mesmo impacto.Com o objetivo de estabelecer as semelhanças entre experiência espiritual e o que é possível com o uso da molécula do espírito[36], Strassman (2001) deu continuidade a suas pesquisas. Foi constatado, em entrevistas com os voluntários, que os sentidos se aguçaram, as relações melhoraram, houve um maior sentido da consciência cósmica e divina, de se perceber conectado ao todo, além de experiências espirituais inacreditáveis (STRASSMAN, 2001).

As consequências do uso da Ayahuasca trazem à tona o estado transpessoal explicitado por Weil (2011): “O Reino de Deus e a Porta do Céu se encontram dentro de nós.” (WEIL, 2011, p.64). As descrições abaixo foram apresentadas por Weil (2011) a partir de depoimentos de místicos, sábios e personalidades de várias correntes espirituais, e de várias culturas e épocas que foram analisados. Constatou-se que são relatos comuns a todos os depoimentos: a não-dualidade; as pessoas afirmam que o seu ego era visto como uma ilusão e que só existia uma realidade indivisível.

> - Inexistência do tempo – Desparecem as três dimensões do tempo: passado, presente e futuro.
> - A inefabilidade – as pessoas afirmam não ter palavras para descrever o que se passou.
> - O caráter noético – A experiência é vivenciada como sendo muito mais real do que o cotidiano em estado de vigília.
> - O caráter sagrado e divino – As pessoas declaram que aquilo é sagrado e divino.
> - Estado de graça e de êxtase – Um verdadeiro arrebatamento acompanha a experiência, com sentimentos de êxtase e de gratidão
> - Caráter transformador – Há efeitos posteriores à experiência transpessoal, no sentido do abandono do apego e valores materiais e o cultivo de valores espirituais, tais como o amor, a beleza e a verdade.
> - Perda do medo da morte – Um dos efeitos posteriores é a perda do medo da morte, pois dizem as pessoas que o que elas vivenciaram é o que se passa depois da morte [...] (WEIL, 2011, p.68)

Segundo Strassman (2001), o uso da DMT induz a alterações de estado de consciência, ou estados místicos. Estas são algumas características das experiências espirituais que predominaram nas sessões e foram relatadas pelos voluntários que usaram a DMT ou molécula do espírito:

> [...] Os três pilares: pessoa, tempo e espaço são submetidos a uma profunda transformação em uma experiência mística. [...] De fato, não há identidade “pessoal”[37] porque compreendemos no plano mais básico, a

[36] Denominação dada à DMT ou dimetiltriptamina, considerando o despertar espiritual que esta substância provoca nos indivíduos que a ingerem. (STRASSMAN, 2001)
[37] Destaque do autor.

> unidade fundamental e a interdependência de toda existência. Passado, presente e futuro se fundem em um momento sem tempo, o agora da eternidade. [...] Em um grau relativo, curtos períodos de tempo abrangem uma enorme quantidade de experiências. Assim como nosso eu e o tempo perdem suas fronteiras, o espaço se torna vasto. Como o tempo, o espaço não está mais aqui ou lá mas em todo lugar, ilimitado, sem margem, Aqui e lá é o mesmo. Tudo é aqui. [...] Temos agora a certeza de que a consciência continua após a morte do corpo e que ela existia muito antes desta forma física peculiar.
> [...] Há um intenso sentido do que é sagrado e santo. Contatamos a imutável, inato, imortal e a não-criada realidade. É um encontro pessoal com o "Big-Bang" Deus, consciência cósmica, a fonte de todo ser. [...] Chamamos a isso, iluminação porque encontramos a luz branca da criação à qual nos fundimos [...]Nossos olhos agora, finalmente estão verdadeiramente abertos, e nós vemos as coisas claramente em uma nova luz. (STRASSMAN, 2001, p.4-7) [38]

Notadamente, as experiências dos indivíduos que vivenciaram a expansão da consciência, são semelhantes às vivenciadas pelos indivíduos que utilizaram a DMT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca peloautoconhecimento, através de estados mais elevados de consciência, faz parte da história da humanidade. Furst, (1994) concorda com Weil (1998)no que se refere ao desejo de alterar periodicamente a consciência como sendo um impulso inato, normal, análogo à fome ou ao impulso sexual.Sendo assim, considerando minhas questões das trajetórias pessoal e profissional como impulsionadoras para essa pesquisa sobre a influência do chá Ayahuasca na ação da glândula pineal para a expansão da consciência, seguem alguns resultados a serem considerados.

Com relação ao principal princípio ativoda Ayahuasca, os autores (STRASSMAN, 2001; SHANON, 2003) concordam que é a DMT que altera os estados de consciência do indivíduo que a ingere, propiciando o contato com aspectos inconscientes, do diálogo entre o eu consciente e do ego, e este processo possibilita alcançar o estado transpessoal, de não separatividade e da expansão da consciência (WEIL, 2011; SPIRA, 2008).

Outro resultado da pesquisa, referente à ação da glândula pineal, evidenciou que essa glândula é um órgão estruturalmente semelhante aos olhos – possui lente, córnea e retina - e que capta não somente luz, mas também ondas eletromagnéticas. É um contato com uma outra dimensão, com um nível mais profundo do nosso ser, com a própria consciência (OLIVEIRA, 2002). A glândula pineal é o contato do aspecto físico com o espiritual do ser humano, ou, como dizia Descartes (1996), ela é a sede da alma e é o contato com dimensões superiores, com a realidade, com a consciência.

Os autores (WEIL, 2011; SPIRA, 2015; JUNG, 2003) conceituaram "consciência"[39] e o que seria sua expansão, considerando a mente e a racionalização, um obstáculo para experienciá-la em sua complexidade, ampliada.O uso da Ayahuasca induz a expansão da consciência, pois liberta o indivíduo da escravidão da mente racional, trazendo a realidade/consciência para o primeiro plano (STRASSMAN, 2001; WEIL,2011).

Pode-se considerar, assim, respondendo à pergunta desta pesquisa, que a DMT administrada através da ingestão do chá da ayahuasca impulsiona a glândula pineal a experienciarestados místicos e transpessoais, propiciando a expansão da consciência que é "SER a própria realidade indivisível"[40]. O uso, contextualmente religioso, do chá da ayahuasca traz também benefícios terapêuticos e psicológicos, auxiliando no combate à dependência química, ao alcoolismo e na depressão (OLIVEIRA, PIRES, YONAMINE, 2010; GROB et al., 1996; TELES, 2016).

[38] Tradução da autora.
[39] Destaque da autora
[40] Destaque da autora

Este artigo abre portas para outras pesquisas, e com base nele seria relevante um aprofundamento no estudo do comportamento da glândula pineal, dos fenômenos que levam à expansão da consciência através do uso ritualístico da Ayahuasca por meio de uma pesquisa de campo contendo relatos pessoais e tomografias de usuários, para verificação da possível descalcificação da glândula pineal, por exemplo.

Em minhas experiências ayahuasqueiras, dentro de um contexto religioso, percebo que os estados transpessoais, de autotranscendência ocorrem somente quando há intenção e decisão de contatar com a consciência que é a realidade maior indivisível. Este contato ou experiência mística, diminui as influências do ego e amplia a consciência da realidade, possibilitando um maior estado de presença, nas relações interpessoais e com o meio, pois traz o sentido de unidade para a vida cotidiana. O *homo sui transcendentalis* está nascendo em mim.

REFERÊNCIAS

BOIS-MARIAGE, F. **Ayahuasca: une synthèse interdisciplinaire**. *Revue Psychotropes* nº1 vol. 8, p. 79-113, 2002. Disponível em: < https://www.cairn.info/revue-psychotropes-2002-1-page-79.htm#no1 >. Acesso em: 15 mar. 2017.

BOUSO, J. C.; GONZÁLEZ, D; FONDEVILA, Sabela et al. Personality, psychopathology, life attitudes and neuropsychological performance among ritual usersof Ayahuasca: a longitudinal study. **Jornal Digital de Medicina** - PLOS One. 8 ago. 2012; Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3414465/>. Acesso em: 17 nov. 2017.

CALLAWAY, J. C. Various alkaloid profiles in decoctions of *Banisteriopsiscaapi*. **Journal of Psychoactive Drugs**, v.37, p.151-155, 2005.

_____. Pharmacokinetics of hoasca alkaloids in healthy humans. **Journal of Ethnopharmacology**, v.65, p.243-256, 1999.

_____. Quantitation of dimethyltryptamine and harmala alkaloids in human plasma after oral dosing with ayahuasca. **Journal of Analytical Toxicology**, v.20, p.492-497, 1996.

_____. **Pinoline and Other Tryptamine Derivatives: Formations and Functions**; 1994, 122 f. Tese de doutorado em Química Farmacêutica, Universidade de Kuopio, Finlandia. 1994.

CALLAWAY, J.C; GROB, C.S. Ayahuasca preparations and serotonin reuptak e inhibitors: a potential combination for severe adverse interactions. **Journal of Psychoactive Drugs** 1998, v.30; p.429-432 Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02791072.1998.10399712> Acesso em: 10 out. 2017.

CARLINI, E. A. Plants and central nervous system. **Pharmacology Biochemistry Behavior.** São Paulo. 31 mar. 2003, v. 75 pp. 501-512 Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/6864125/Plants-and-the-Central-Nervous-System-2003-Pharmacology-Biochemistry-and-Behavior>. Acesso em: 22 out. 2017

CHAUÍ, M. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária.** 4 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHEETHAM, E. **As Profecias de Nostradamus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1977.

CHIA, M. **Darkness Technology. Darkness Techniques for Enlightenment**. Universal TAO Publications, 2012 (ebook). Disponível em: <https://www.universal-tao.com/dark_room/DarkRoom.pdf> Acesso em 5 dez. 2017.

CLAUSSEN, M. S. **O livro de ouro de Saint Germain.** 13. ed. Porto Alegre: Ponte para Liberdade, 2007.

CREMA, R. **Pedagogia Iniciática. Uma escola de liderança.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

DMT: A molécula do espírito. Direção de Mitch Schultz. Produção – Spectral Alchemy e Synthetic Pictures, 2010. 1 DVD (1:12 min), color. Título original: DMT: The Spirit Molecule.

DE SOUZA, P. A. Alcaloides e o chá de Ayahuasca: uma correlação dos “estados alterados da consciência” induzido por alucinógenos .**Rev. Bras. Pl. Med**., Botucatu, v.13, n.3, p.349-358, 2011.

DESCARTES, R. **Meditações metafísicas.** 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

DOERING-SILVEIRA et al. Ayahuasca na adolescência: uma avaliação neuropsicológica. In: BERNARDINO-COSTA, J. **Hoasca Ciência, sociedade e meio-ambiente.** Campinas: Mercado de Letras, 2011.

FURST, P. T. **Alucinogenos y cultura**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994.

GABLE, R. S. Risk assessment of ritual use of oral dimethyltryptamine (DMT) and harmala alkaloids. **Addiction** 20 dez. 2006. v 102 pp. 24-34. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1360-0443.2006.01652.x/full>. Acesso em 4 set. 2017.

GOSWAMI, A. **O Universo Autoconsciente – Como a consciência cria o mundo material:** São Paulo: Aleph, 2010.

GRABOVOI, G. **Exercícios de Concentração.** Hamburg: Jelesky Publishing, 2015.

GROB, C.S. et al. Human pharmacology of hoasca, a plant hallucinogen used in ritual context in Brazil. The Journal of Nervous & Mental Disease; v.184, n.2, p. 86-94, fev. 1996

HOFFMAN, E., HESSELINK, J. M. K. BARBOSA, Y.Effectsof a Psychedelic, Tropical Tea, Ayahuasca, on the Electroencephalographic (EEG) Activity of the Human Brain During a Shamanistic Ritual. **MAPS Buletin**, v.11, n.1, p.25-30. 2001 Disponível em: <https://www.maps.org/news-letters/v11n1/pdf/11125hof.pdf>. Acesso em 8 dez. 2017.

JUNQUEIRA, L.C; CARNEIRO, J. **Histologia Básica**: 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

LABATE, B. C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

LABATE, B.C. et al. A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras. In: Labate B. C. **O uso ritual da Ayahuasca**. São Paulo: FAPESP/Mercado das Letras, 2002.

LYVERS, M. The neurochemistry of psychedelic experiences. **Science and Consciousness Review**, 1 (June). 2003. Disponível em <http://epublications.bond.edu.au/hss_pubs/10>. Acesso em: 29 nov. 2017.

McKENNA, D. J. Clinical investigations of the therapeutic potential of Ayahuasca: rationale and regulatory challenges**. Pharmacology and Therapeutics**. 2004 v 102: p. 111-129. Mineápolis. University of Minesota. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.589.7855&rep=rep1&type=pdf> Acesso em 25 out. 2017.

_____. The scientific investigation of Ayahuasca: a review of past and current research. **The Heffter Review of Psychodelic Research**, v.1, p.65-76, 1998.

_____. Monoamine oxidase inhibitors in South American hallucinogenic plants: tryptamine and â-carboline constituents of ayahuasca. **Journal of Ethnopharmacology**, v.10, p.195-23, 1984.

MCILHENNY, E. H. **Ayahuasca characterization, metabolissm in humans, and relevance to endogenous N, N-dimethyltryptamines**. Tese de doutorado em Filosofia. University and. School of Veterinary Medicine. Louisiana, 2012. p. 192. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/McIlhenny_Ayahuasca.pdf>. Acesso em 27 nov. 2017.

MASLOW, A. H. **Introdução à psicologia do Ser**: Rio de Janeiro: Eldorado, 1978.

MILLER, I. Pineal Gland, DMT & Altered State of Consciousness**. Journal of Consciousness Exploration & Research** v. 4, p 214-233, 2013. Disponível em: <http://jcer.com/index.php/jcj/article/view/288/320> Acesso em: 17 set. 2017.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

NICOLESCU, B. **La Transdisciplinarité – Manifeste**. Monaco: Éditions Du Rocher, 1996.

OLIVEIRA, C.D.R.; PIRES, A.P.S.; YONAMINE, M. Ayahuasca: uma revisão dos aspectos farmacológicos e toxicológicos. 11 mar. 2010. USP, São Paulo. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**. p 15-23 Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/888-4813-3-PB%20(4).pdf> Acesso em 20 ago. 2017.

OLIVEIRA, S. F. de. Epífise: A glândula do raciocínio. São Paulo. Espiritismo e Ciência. **Revista Mythos.** São Paulo: Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas, v. 3, p. 22-27, 2002. Disponível em: <http://www.ippb.org.br/textos/especiais/mythos-editora/pineal-a-uniao-do-corpo-e-da-alma> Acesso em 17 jun. 2017.

OLIVEIRA, S. F. de. Glândula Pineal: Ciência e Mito**.Boletim Médico-Espírita,**v.11. Anais da primeira jornada da AME-SP, 1997.

OTTO, R. **O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional.** São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PASSIE, T. et al. The Pharmacology of Lysergic Acid Diethylamide: A Review. p. 295-314 CNS Neuroscience & Therapeutics, v.14, 2008. **Journal compilation Blackwell Publishing Ltda.** Disponível em: <https://www.maps.org/research-archive/w3pb/2008/2008_Passie_23067_1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PIRES, A. P. S. **Estudos de Farmacocinética dos Alcalóides da Ayahuasca**. Dissertação de mestrado do curso de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RAMPA, L. **A Terceira Visão**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

RIBA, J et al. Human pharmacology of Ayahuasca: subjective and cardiovascular effects, monoamine metabolite excretion, and pharmacokinetics. **Journal Pharmacology Experimental Therapy.** v. 306 1 Jul. 2003, p. 73-83. Disponível em: <http://jpet.aspetjournals.org/content/306/1/73> Acesso em: 18 nov. 2017.

ROBERTS, T. B. **The New Religious Era – From the 500-year Blizzard of Words to Personal Sacred Experiences.** in: ELLENS, Harold J. Seeking the Sacred With Psychoactive Substances: Paths to Self and God. Westport, 2014. Cap. 1, p. 1-22.

SANTOS, R. G. dos. **Efeitos da ingestão de Ayahuasca em estados psicométricos relacionados ao pânico, ansiedade e depressão em membros do culto do Santo Daime**. 2006. 134 f. Dissertação de mestrado, curso de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

SEMM, P. SCHNEIDER, T; VOLLRATH, L. Effects of an Earth-strength magnetic field on electrical activity of pineal cells. **Nature (International Journal of Science).** Canadá: v. 288, p. 607–608, dez.1980. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/288607a0>. Acesso em: 25 ago.2017.

SHANON, B. Os conteúdos das visões da Ayahuasca. **Revista Mana**. Rio de Janeiro, UFRJ, vol.9, n.2, p.109-152, out.. 2003 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v9n2/17934.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2017.

SOUZA, R. M. A força do exemplo: UDV memória e missão. In: BERNARDINO - SPIRA, R. **The Reality of the Illusory World. Revista,** fev. 2015. Disponível em: <http://www.awakin.org/read/view.php?tid=1038> Acesso em: 15 nov. 2015.

_____. **The transparency of things-Contemplating the nature of experience.** United Kingdom, Salisbaury: Non-Duality Press, 2008.

STEIN, M. **Jung – O mapa da Alma**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1998.

STRASSMAN, R. J. **DMT, The Spirit Molecule – Uma revolucionária pesquisa**

de doutorado dentro da biologia de experiências de quase morte e místicas. 1ª ed. Rochester, Vermont: Park Street Press, 2001.

TAVARES, Z. R. C. **A Ayahuasca como veículo para expansão da consciência: Uma experiência na busca da transformação pessoal.** Monografia de conclusão de curso de Psicologia. UNICEUB, Brasília, 2005. Disponível em: <repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3036/2/20059092.pdf> Acesso em 16 set. 2017.

TELES, T. B. de S. O Potencial Terapêutico da Ayahuasca na Doença Mental. Revista Científica Multidisciplinar. **Núcleo do Conhecimento**. Ano 1. Vol. 12. pp 41-58, dez de 2016.

VOLCOV, K; ANTUNES, H.; COSTA, R.; MERCANTE, M. S. Observações do não-observável: breve relato sobre o I Encontro "Ayahuasca e o Tratamento da dependência. **Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, v. 9, p.7, dez. 2011.

WASSON, R. G. Drugs: The Sacred Mushroom. **The New York Times**, New York, USA, v.26 p.29, set. 1970.

WEIL, A. T. **The Natural Mind**. **A Revolucionary Aproach to the drug problem**. New York: Mariner Books, 400 p. 1998.

WEIL, P. **A arte de viver a vida:** Petrópolis: Vozes; Lorena: Diálogos do Ser, 2011.

_____. **Os mutantes – Uma nova humanidade para um novo milênio:** Campinas: Verus, 2003.

WEIL, P.; CREMA, R.; D'AMBROSIO, U. **Rumo à nova Transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento.** São Paulo. Summus. 1993.

XAVIER, F.; **Missionários da Luz**: Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira Departamento Editorial, 1945.

YRITIA M, RIBA J, ORTUÑO J, RAMIREZ A, CASTILLO A, ALFARO Y, et al. Determination of N,N-dimethyltryptamine and β-carbolinealkaloids in human plasma following oral administration of Ayahuasca. **J. Chromatogr B Analyt Technol Biomed Life Sci**. 2002.

Artigo recebido em 11/06/2018
Aceito em 08/05/2019

Para saber mais:

Título:Takiwasi (Nº 3)
Usos y abusos de sustancias psicoactivas y estados de conciencia

Autores: Varios Autores
Contribuciones: Centro Takiwasi, Pierre Weil, Rosa Giove

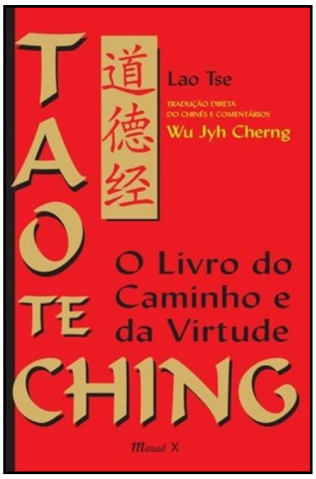
Conteúdo:

El nacimiento de la rosa verdadera (Ernesto Giovanni Boccara)
El uso religioso de la Ayahuasca en el Brasil contemporaneo (Edward Mac Rae)
La normosis: las anomalías de la normalidad (Pierre Weil)
El cielo y el enfermo (Cándido de Alencar Machado)
Reflexiones acerca de una experiencia con hashís en el Brasil del siglo XIX (István Van Deursen Varga)
La cura en el Candomblé de Angola (Ignacio Gerber)
Orixás: Dioses venidos del África (Raquel Gerber)
Del papel de las plantas psicoactivas en la iniciación a ciertas religiones africanas (Pierre Verger)
Doña Santiña: Abeja afanosa de Dios (María Celeste Carneiro dos Santos)
Tai Tai Timbira (Rosa Giove)
La Hacienda del Señor Jesús (Harold J. Rahm)
La marihuana en el floklore y la cultura popular brasileña (Richard Bucher)

Pedidos:
https://www.muscaria.com/taki_3.htm
www.takiwasi.org

Revista Transdisciplinar
Uma oportunidade para o Livre Pensar
Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019 ISSN 2317-8612
http://revistatransdisciplinar.com.br/ - www.artezen.org

6 – TAO TE CHING



CAPÍTULO 15

Os bons realizadores da antiguidade eram sutis
Maravilhosos, misteriosos e despertados
Eram profundos e não podiam ser compreendidos
E justamente por não poderem ser compreendidos
É preciso esforçar-se para ilustrá-los.

Receosos como quem atravessa um rio no inverno
Cautelosos como quem teme seus vizinhos
Reservados como o hóspede
Solúveis como o gelo fundente
Genuínos como a madeira bruta
Vazios como os vales
Entorpecidos como as águas turvas.

O turvo, através da quietude, torna-se gradualmente límpido
O quieto, através do movimento, torna-se gradualmente criativo
Aquele que resguarda este Caminho não tem desejo de se enaltecer
E justamente por não se enaltecer, mesmo envelhecido, pode voltar a criar.

Tao Te Ching, **Dao de Jing** ou **Tao-te king** (em chinês: *Dàodé jīng*), comumente traduzido como *O Livro do Caminho e da Virtude*, é uma das mais conhecidas e importantes obras da literatura da China. Foi escrito entre 350 e 250 a.C. Sua autoria é, tradicionalmente, atribuída a Lao Tzi (literalmente, "Velho Mestre"), porém a maioria dos estudiosos atuais acredita que Lao Tzi nunca existiu e que a obra é, na verdade, uma reunião de provérbios pertencentes a uma tradição oral coletiva versando sobre o tao (a "realidade última" do universo). A obra inspirou o surgimento de diversas religiões e filosofias, em especial o taoismo e o budismo chan (e sua versão japonesa, o zen). Wikipédia